

Relatório Casa Encantada 2022

Memórias Híbridas



Jeannette Filomeno Ramos e Ineildes Calheiro (Org.).

UNILAB/CE
2022

Relatório Casa Encantada

2022

Memórias Híbridas

Professoras:

Jeannette Filomeno Pouchain Ramos - UFC/UNILAB
Coordenadora do eixo Arte da educação e Ludicidade
E-mail: ramosjeannette@unilab.edu.br

Larissa Gabarra – UNILAB
Coordenadora geral da Casa Encantada/CIADI/UNILAB
E-mail: larrissa.gabarra@unilab.edu.br

Maria Ivanilda Aguiar
Vice-coordenadora da Casa Encantada/CIADI/UNILAB
E-mail: ivanilda@unilab.edu.br

Ineildes Calheiro - UNILAB/Funcap/CNPq
Coordenadora do eixo Culturas de Matrizes Africanas
E-mail: ildafrica@yahoo.com.br

Daniela Zuliane
Coordenadora do eixo Educação Ambiental e Cultivo da Terra
E-mail: danielaqzuliani@unilab.edu.br

Ana Paula Stheil Caido
Coordenadora do eixo Saúde e Desenvolvimento da Criança
E-mail: apcaiadoprof@gmail.com

Educadoras/es e Eixos norteadores:

Ana de Almeida- Eixo Saúde e Desenvolvimento das Criança
curso: Enfermagem /UNILAB

Bento Mateus Pedro - Eixo Saúde e Desenvolvimento das crianças.
Curso: Enfermagem/UNILAB.

Marcio Viriato Domingos - Eixo Educação Ambiental e Cultivo da terra:
Curso: Agronomia / UNILAB

Jakeline Nunes de Souza - Eixo Educação Ambiental e Cultivo da Terra.
Curso: Pedagogia / UVA.

Mayra Mirley Alves da Silva - Eixo Arte da educação e ludicidade.
Curso: Pedagogia / UNILAB.

Fátima Wonene Soneto - Eixo Culturas de Matrizes Africanas.
Curso: Enfermagem/UNILAB.

Jeannette Filomeno Ramos e Ineildes Calheiro (Org.).

UNILAB/CE
2022

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO
2. A VIVÊNCIA DO PRIMEIRO SEMESTRE: OS EIXOS E AS VOZES
 - a. A prática interdisciplinar e as experiências da equipe nos eixos
 - i. Arte da Educação e Ludicidade (Mayra)
 - ii. Educação Ambiental e Cultivo da terra (Marcio e Jake)
 - iii. Cultura de Matrizes africanas (Fátima)
 - iv. Saúde e Desenvolvimento Infantil (Bento e ANA)
- 2.1 A Semana Mundial do Brincar
3. AS FORMAÇÕES DOS/DAS EDUCADORES/AS
 - 3.1 **A XII formação de arte educadores interculturais**
 - a) Avaliações dos encontros de formação
 - 3.2 **Formação para a educação racial na infância – a lei 10.639/03**
4. OS PROJETOS DO ANO 2022
 - 4.1 Brincadeiras antigas e africanas – o primeiro projeto
 - a) Partilhas de trocas: memórias da infância
 - 4.2 Povos originários - o segundo projeto
5. A DINÂMICA DE FUNCIONAMENTO
 - a. REUNIÃO COM COORDENAÇÃO
 - b. REUNIÃO COM COORDENADORES DE EIXO
 - c. REUNIÃO COM OS RESPONSÁVEIS PELAS CRIANÇAS
 - d. ENCERRAMENTO DE PROJETOS – AS APRESENTAÇÕES
6. COLÔNIA DE FÉRIAS
7. CONSIDERAÇÕES
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
9. ANEXOS – PLANOS DE AULAS DOS EDUCADORES

1. INTRODUÇÃO: O CIAD, A CASA ENCANTADA E A EQUIPE

Esse trabalho, em caráter de relatório, construído á muitas mãos, refere-se à compilação de atividades realizadas, ao longo do semestre 2022_1, do projeto Casa Encantada uma parceria da secretária da Educação do município de Redenção e da UNILAB , via CIADI/IH - Centro Integrado de Atenção ao Desenvolvimento Infantil do Instituto de Humanidades e o Pro-CIADI/PROPAE (Programa de apoio a permanência de mães e pais discentes na Universidade), iniciado em 2014, com atividades para crianças de 4 a 10 anos. A Casa Encantada é um projeto de educação interdisciplinar (atendimento à crianças e formação de professores), realizado pelo CIADI/IH da UNILAB/CE – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, localizado no município de Redenção e atende esta comunidade, bem como a de Acarape.

Com uma sede fixa na av. Abolição, nº07 a Casa Encantada, surgiu por iniciativa de um grupo de professoras da UNILAB-CE, pais e mães discentes, para fins de educação infantil, incrementando culturas e valores não comuns no contexto da educação desta categoria de idade, como: valores étnico-raciais, africanos, afro-brasileiros, agrários, florestais, naturais-ambientais, incluindo relações de gênero num coletivo intitulado Coletivo da Infância do Maciço de Baturité - CIM. Completando oito anos de existência, é composto pela seguinte equipe: coordenação; multi e interdisciplinar possui um corpo de docentes colaboradoras/es, de variadas áreas do conhecimento científico e institutos da Universidade; um grupo de educadoras/es graduandos/as, de diferentes áreas do conhecimento e institutos, bolsistas e voluntários/as; e, as/os educandas/os, que são as crianças - filhos/as de pais, mães, ou cuidadores discentes, docentes e demais funcionárias/os da UNILAB e das comunidades em seu entorno (REDENÇÃO, ACARAPE, BATURITÉ).

As docentes são responsáveis por linhas de estudos - denominadas de eixos, voltadas para seus respectivos conhecimentos profissionais, bem como, são responsáveis pelas formações dos educadores/as atuantes no desenvolvimento do projeto. Considerando-se que, as formações e cursos mais extensos são abertos a UNILAB, aos profissionais das cidades/prefeituras, aos movimentos sociais, bem como. á toda comunidade, certas de que a educação não deve ser bancária, conforme o célebre Paulo freire, e frisou Teresinha Burhan (2012) que o conhecimento é um bem público e deve ser de alcance de todos.

Este relatório, atende aos objetivos de apresentar os trabalhos realizados no primeiro semestre de 2022 da Casa Encantada a fim de registrar, compartilhar e difundir saberes.

Metodologicamente este documento se constitui como relato, tem caráter descritivo, artístico e imagético. São produções artísticas, brincantes, brinquedos e brincadeiras, artesanatos, poemas, criações e criatividade.

As atividades do projeto são desenvolvidas na casa Encantada, cuja sede – uma pequena e simples casa, pintada, colorida, chão ornamentado de brinquedos, lápis coloridos e papéis recortados, mas que não se constitui como sujeira, nem estão fora do lugar – esse é o encanto que encanta. A entropia das crianças. A organização das crianças. Nada está fora do lugar. Quando chegam, sabem onde encontrar o que procuram. Caracterizada de símbolos infantis, com cores, desenhos e criações nas paredes. Em seu entorno, um quintal aberto – e que não está fora, logo, é dentro, como parte das aprendizagens agrárias, da terra, folhas, flores, plantas e plantações, e, para além, o contato com a terra, com a água, o ar puro, o chão da terra. O momento dedicado a vivência ser-sendo na natureza, autossuáde, “saúdando-se”, levando em consideração os eixos temáticos e os planejamentos metodológicos.

Nosso funcionamento, de segunda à sexta, das 13h às 17h, atendendo em torno de 25 crianças, de ambos os sexos, dentre as idades apresentadas. No entanto, diariamente mantém-se um número de 10 a 15 educandos/as. Vale observar a dificuldade desse movimento diário de ir e vir, dos pais ou responsáveis, em levar e pegar as crianças, diante da questão socioeconômica, afazeres e trabalhos, que implica na assiduidade, bem como, no desenvolvimento da educação da criança, nesse contexto interdisciplinar, conforme se objetiva.

Teoricamente fundamenta-se nos eixos temáticos coordenados pelas/os docentes, e nos saberes diversos, imbuídos nos próprios docentes e educadores, considerando que os eixos desenvolvidos não são fixos, podendo manter-se ou serem substituídos, acompanhando a necessidade do corpo de educandos, que se formam ou cumprem o período do edital; a necessidade das comunidades, a atualidade e a ordem (desordem) do dia, concernente a vida: os conflitos, as carências, as desumanizações que se acirram, sendo relevante trazer um ambiente de harmonia e paz para as crianças, quando estão no “cantinho da Casa encantada”, que se torna um planeta, uma Galáxia.

Nesse sentido, foi desenvolvido neste semestre os respectivos eixos temáticos: saúde e desenvolvimento; cultivo da terra e educação ambiental; arte da educação e ludicidade; culturas de matrizes africanas. E nestas páginas serão suscintamente apresentadas pela equipe promotora desse fazer-ser, constituído pelas docentes e educadores/as. Estes últimos em sua maioria de origem africana, trazendo culturas de suas origens para o contexto da educação na casa encantada, a partir da arte-educação, criatividade, ludicidade, contação de histórias,

musicalidades, instrumentos, entre outros. De forma geral, educandos/as e educadores/as são compostos racialmente de etnias brasileiras e africanas, brancos, negros e pardos, questão que permitiu-nos pensar em discutir a questão de gênero e etnicorracial com mais afinco neste espaço, como parte dos eixos.

Uma vez que, ninguém nasce racista nem sexista, torna-se - Fez-se relevante incrementar essas abordagens, quer seja na formação dos/as educadoras, quer seja para as intervenções concernente à pais, responsáveis e/ou as próprias crianças, que, muitas vezes, reproduzem as apreensões de fora para dentro. Por outro lado, no Brasil, gênero e raça tem sido relações tensionadoras, e a Casa Encantada tem procurado educar conforme as relações étnicorraciais e de gênero, em prol da igualdade. Interferindo em situações que levam ao desenvolvimento do racismo e sexismo, baseada educação de Paulo Freire, que visa na educação criativa.

O presente trabalho foi composto por muitas mãos, uma escrita pintada, descritiva e desenhada pelos educadores/as e docentes. Trazendo memórias e registros das atividades e acontecimentos ao longo do semestre. E assim, foi sendo... relatório de escrita coletiva. Portanto, nem tudo coube aqui, mas, cabendo as descrições daqueles e aquelas partícipes desta construção coletiva. A estrutura deste documento foi organizada por temáticas, ilustradas por desenhos autoproduzidos e fotografias, registro de atividades, experiências, incluindo momentos especiais, encontros, formações, participações esporádicas, atividades fora da casa encantada, como na praça, reuniões de pais, encerramentos e os resultados.

2. A VIVÊNCIA DO PRIMEIRO SEMESTRE: AS VOZES E OS EXOS

Iniciamos este relatório com relatos de experiências e impressões da equipe de educadores e professoras, com bases nas práticas vividas na casa Encantada e em prol do projeto, trazendo os conhecimentos trocados. Ilustrando suas falas com seus desenhos autoconstruídos, através dos enunciados, de forma interdisciplinar cada membro da equipe faz seu relato. As aulas foram remotas e presenciais. Mudando a rotina por conta da Pandemia. E sobre a impressão das aulas presenciais da Casa, no retorno todos expressaram suas impressões.

Enunciado 1 - Qual a primeira lembrança do primeiro semestre que vem para você?

O eixo Arte da Educação e Ludicidade

Coordenado pela Prof^a Jeannette Ramos, com a palavra a educadora do eixo, Mayra Mirley. A carinhosamente May que a partir do próprio desenho construído expressa:



Minha impressão da temática do semestre que se encerrou começou com forte energia de ligação com a terra, com a natureza e em tentar explorar em mim e nas crianças os sentimentos de pertencimento, conhecimento e mais aproximação com nossas raízes ancestrais, a partir da arte e da ludicidade. Sabemos o quanto essas temáticas são mascaradas ou mesmo excluídas dos espaços de ensino formais. E esta temática nos fez pensar sobre nosso local de origem, nossas relações com o eu e com os outros, e estarmos todos e todas à sombra do Baobá, nossa árvore ancestral que nos une, representado abaixo em forma de desenho

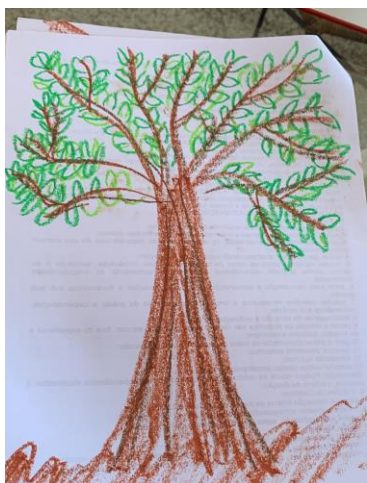
A coordenadora do eixo citado, Prof^a Jeannette Ramos traz suas impressões e faz referência ao Baobá, à relação com a natureza. Para a mesma, com o seu desenho, este lhe trouxe a memória do Terreiro da Casa Encantada e do trabalho de limpeza, que realizamos no primeiro semestre. Com as intensas chuvas neste interstício, o mato cresceu novamente e, a mesma, teceu relação com a educação: É preciso ser regada todos os dias. Essa interdisciplinaridade é flagrada na imagem e fala a seguir.

Sobre o eixo a educadora May discorre sobre linguagem, para ela, uma dessas linguagens pode não ser propriamente a fala, ou a escrita, mas seus movimentos, seu corpo, seus sons aleatórios e, principalmente, suas brincadeiras. Percebemos o quão importante é a

criança ter tempo e espaço para o brincar livre, sem auxílio ou orientação de um adulto e quão rica é sua manifestação em liberdade.

Eixo Saúde e Desenvolvimento da Criança.

Neste eixo coordenado pela professora Ana Paula Stheil Caiado, o educador Bento Mateus discorre sua percepção no seu desenho – uma árvore. O educador desenhou uma árvore desenvolvida, florida, frutífera, grande e incompleta. E expõe seu pensamento criativamente.



“A vivência durante o COVID e pós Covid-19 foi cheio de incertezas, planos e ansiedades. Como uma árvore boa, demonstramos que é possível junto da coordenação, educadores, familiares e a presença das crianças, enfrentarmos os desafios. Foram muitos afazeres e dificuldades, mas, em momento algum, deixou de ser uma árvore, grande, frutífera, e desenvolvida e que, ainda incompleta, continua a ser a árvore, a Casa Encantada”.

E é nesta inspiração da árvore ancestral, o nosso Baobá, que representa nossos ancestrais, que partilhamos neste relatório nossas práticas, vivências, formações e dinâmica de funcionamento.

O Eixo Cultivo da terra e Educação Ambiental – educadores Jakeline e Marcio

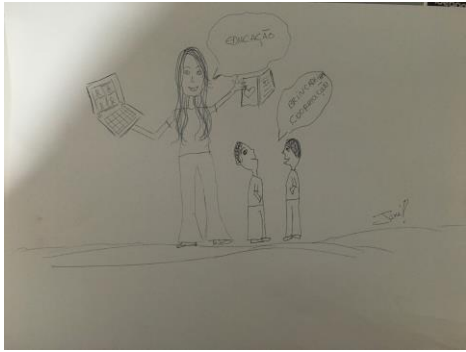


Marcio:

A primeira imagem é das crianças felizes e satisfeitas com o que aprendem na Casa Encantada. Porque não adianta a gente criar brincadeiras e as crianças não ficam felizes.

Então, devemos continuar levar e fazer o que temos feito para as nossas crianças saírem de lá felizes e com sabor de voltar sempre.

A brincadeira que lembro e as crianças ficaram felizes em praticar, foi amarelinha.



Jakeline Nunes

O meu desenho representa a cooperação das crianças tanto presencial quanto online, onde nós educadores tivemos que conciliar as aulas interdisciplinares, onde compartilhamos nossos conhecimentos e conduzimos brincadeiras fazendo com que as crianças se divertissem.

Sobre o eixo Educação ambiental e cultivo da terra a educadora Jakeline traz impressões ampliadas, mostra a criação de projetos desenvolvidos por dentro do eixo norteador, além disso, diz que o eixo trás um modo criativo que as crianças no início não sabia que era possível, cuidar e observar a natureza para as crianças é importante principalmente para o desenvolvimento dela como adulto, e observar o divertimento da criança em cultivar, em estar com as outras crianças e poder ter o seu lugar de plantar e vê o desenvolvimento da plantinha é muito gratificante tanto pra nós educadores como para os pais, que sentem satisfeitos com o desenvolvimento que a casa encantada trás para as duas crianças.

Para ela, com atividades interligadas ao lúdico e a criatividade as crianças puderam cultivar e vê o desenvolvimento das plantas, regando junto com os educadores do eixo educação ambiental e cultivo da terra.

Com a criação de projetos no quintal da casa encantada, ao longo dos bimestres que passaram, houve a limpeza do quintal e junto a projetos tanto externos como projetos da casa encantada também, onde incluía os temas que a cada bimestre ia se modificando, foi a partir daí que as crianças começaram a plantar as sementes no quintal e todo dia iam regar com o auxílio dos educadores sem exceção de eixo.

Em sala as crianças puderam trazer a criatividade do quintal para a sala, onde por meio de atividades as crianças traziam elementos da natureza e criavam suas obras de arte e nas atividades as dinâmicas eram usadas incluindo a natureza. As atividades criadas pelas crianças com elementos da natureza eram formato de árvores com galhos e folhas de plantas, que as crianças colavam em cartolinas e muitas vezes faziam outros formatos de desenho.

Outra atividade que foi incluída em sala de aula foi a criação de tintas com elementos da natureza, onde as crianças puderam fazer elas próprias suas tintas e pintavam em folhas de papel. Outra atividade foi uma dinâmica em sala com elementos da natureza, o educador fez uma roda de conversa com as crianças no meio da roda tinha alguns elementos da natureza

como pedrinhas, folhas, galhos e por meio da conversa com as crianças, elas escolheriam qual elemento ela se vê, essa atividade foi pra vê como a criança se vê e para a criança se conhecer.

Minha vivência no primeiro semestre no presencial foi de aprendizado, as crianças souberam cooperar umas com as outras e as atividades propostas pelos educadores as crianças souberam dar a sua própria identidade e impressão em cada traço de desenho feito, em cada pintura e em cada dança que elas dançaram. (Jakeline – educadora)

O eixo Culturas de matrizes africanas, sob a coordenação da prof^a Ineildes Calheiro.

Vejamos a fala da Educadora Fátima Soneto



Desenho da educadora Fátima Wonene Soneto, relacionado ao Eixo Culturas de Matrizes Africanas.

Na sua fala exprime que o desenho é uma ilustração da sala das atividades da Casa Encantada, representa a nossa sala cheia de crianças e muito movimentada. Algumas crianças desenhando e outras brincando foi a primeira coisa que eu imaginei quando a professora falou da Casa Encantada.

A educadora de origem angolana, Fátima Soneto, escolhendo uma imagem própria com as crianças, do nosso acervo fotográfico (da casa encantada/Ciad) expressa suas impressões:



Foi um semestre muito desafiador para mim isto porque, foi uma experiência nova, meu primeiro semestre no presencial, primeiro contato que eu tive com a casa encantada e com as crianças também. Foi um semestre de muitas adaptações tanto da parte da coordenação da Casa Encantada como também dos educadores e até mesmo das próprias crianças; a gente estava saindo de um ambiente virtual para um ambiente presencial ainda com muitas restrições e com muito cuidado devido a Pandemia da COVID-19.

Nesse semestre a gente teve dificuldade de trazer crianças para casa porque muita gente não sabia que a casa já estava funcionando e também os pais ainda estavam com receio de mandar as crianças para casa; mais não nos deixamos abalar por isso, procuramos trabalhar com as crianças que estavam sempre presentes e também divulgamos mais a casa encantada para comunidade Unilabiana e não só.

Alegria, harmonia, prazer, está descrito de forma imagética trazidas por Fátima. É visto quando as crianças pulam em suas costas, além de sentarem ao se redor, lembrando-nos de forma criativa, a memória das Griot – uma tradição africana de contadoras/es de histórias, que através desse método, oral, se educa e mantém a tradição ancestral (CLAUDIA PONS CARDOSO, 2012).



Na sequência, a professora Ineildes, se integrou no programa neste ano de 2022, encantada, vindo da Bahia e se juntando a nós, diz: “no presencial há o fenômeno do sentir: senti abraços das crianças assim que cheguei. Elas nem me conheciam. Vieram ao meu encontro e me abraçaram. senti uma energia tão envolvente de amor. Carência? doação de amor? Da minha parte e da parte delas/es. Não sei. Mas foi real, corporal, afetivo”.

A professora com formação em Educação Física, esportes, gênero/sexualidades e raça, passou a colaborar com atividades físico-corporais, jogos com ludicidade, e oferecendo oficinas em escolas a fim difundir o papel da casa encantada e atrair educandos, quer seja irmãos e demais parentes de alunos/as das respectivas escolas. Elaborou cursos e formações voltados para as relações étnicorraciais, de gênero e sexualidade para as/os educadoras/es, abrindo para a comunidade da UNILAB e demais interessadas/os.

Explicando o seu desenho traz uma impressão da sua vivência nessa equipe. O desenho mostra uma professora e as crianças de ambos os sexos, com as mãos dadas, de forma circular, brincando.



O desenho de uma brincadeira no chão da casa – a amarelinha, remete a circularidade, união, sem preconceito nas relações de gênero e a reafirmação de brincadeiras populares. Para mim: união sem exclusão e as brincadeiras, é o que faz a alegria das crianças. Por isso me empenho nas formações de gênero, sexualidade e raça, pensando que, crianças, um dia serão adultas.

Aqui estou aprendendo docência infantil. Ensinando nada. Para mim, apesar de estar num processo de posdoc, está sendo, na real, um doutoramento livre, com responsabilidade, mas sem o compromisso com normas e regras acadêmicas. Está sendo lindo.

“Aqui estou aprendendo docência infantil. Ensinando nada”.

Desta forma, quando a professora se envolveu mais e mais, compreendeu o seguinte: “*Aqui estou aprendendo docência infantil. Ensinando nada*”. É com esta frase que mostramos que esse aprendizado foi geral.

O Eixo Saúde e desenvolvimento infantil – educadores Bento Mateus e Ana Almeida

O educador Bento Mateus Pedro do Eixo Saúde e desenvolvimento das crianças, ao inserir sua visão no trecho abaixo aborda as dificuldades de readaptação da própria família das crianças, em termos de voltar ao presencial. Talvez tivessem que remodelar as formas de vida.

O primeiro semestre, ou seja o semestre presencial foi para mim o semestre com maior dificuldades, por outra com maior desenvolvimento como educador, pois foi na ansiedade, na insegurança e nas diferentes dificuldades que tudo aconteceu, e deu mais que certo segundo o'que eu esperava, tudo porque as dificuldades que consistia em reunir o máximo de crianças que no

caso era bastante variável, após, dia que eram apenas 2 crianças, e outros dias viam 4, 5 ou mesmo 6, que eram dias raros, mas os melhores, por outra tentativa de conciliar o presencial com o Ead, foi super certo e satisfatório da minha parte, mesmo encarado a dificuldade da conexão com a internet.

Foi muito divertido para todos, as crianças cooperavam sempre, e faziam muito mais do que a gente esperava deles, e isso demonstra sempre a autonomia que tanto prezamos. Além dos momentos de divertimento pela qual passamos, o momento de aprendizagem foi marcante, pois quer o presencial ou o Ead tivemos participantes especiais, novos vínculos com outros educadores, e outras crianças, em que surgiram outras tantas atividades que são representadas na casa encantada.

O processo de desenvolvimento da cidade com a tecnologia obrigatória como modo de vida na pandemia, é indiretamente notado nas falas, ao inserirem os problemas, dentre os quais a internet, a instabilidade da conexão, que muitas vezes ocorria. Remodelar a vida interdisciplinar com o mundo digital, foi um desafio. Mas, alcançado, como explana o Educador Marcio, ao relatar, que: *“foi marcante, quando cheguei achei que não iria alcançar certas etapas que coloquei pra mim mesmo, mas no decorrer do tempo e as crianças cooperando foi ficando fácil”*. A questão induz a refletir que o mecanismo digital e tecnológico tende a ser mais desafiador para os adultos do que para as crianças, embora que, devemos considerar o desenvolvimento social local e socioeconômico das famílias.

Ana Almeida - educadora

Por sua vez expressa sobre a volta ao presencial.

Quando voltamos ao presencial, o impacto foi ainda melhor ao receber a energia e os abraços calorosos dos meninos sempre que chegava a casa encantada, apesar de ser educadora também acabamos muito por aprender com os meninos e principalmente a compreender a sua maneira de ver o mundo. No eixo saúde pude ensiná-los a conhecer mais um pouco sobre o corpo humano de uma forma mais lúdica, através de desenhos ou até mesmo as canções.

Enunciado 2 - Como foi a vivência no primeiro semestre no virtual?

As equipes respondem a esse ponto, a fim de compararmos as impressões ente o presencial e o virtual, como foi a adaptação a esse modelo, e como superou as dificuldades. pois, ainda que, desejando o mecanismo tecnológico para a educação, no entanto, nos esbarramos com a questão sociocultural e socioeconômica das cidades e das famílias. Por

exemplo, em sua visão, Fátima, educadora do Eixo cultura e matrizes africanas expressa sobre o virtual.

Mesmo com as dificuldades e novas adaptações a gente deu o nosso melhor para as crianças e as crianças colaboraram muito com os educadores e no final de cada aula todo mundo saía de casa muito cansado e feliz de tanto brincar. Não tem preço que pague o sorriso sincero de uma criança, isso me encheu de muita alegria.

A educadora Jakeline Nunes relata.



Minha vivência no primeiro semestre virtual foi de muita satisfação porque as crianças interpretaram, e introduziram desenhos de acordo com o tema proposto, onde foi concluído o bimestre com muita satisfação por parte dos educadores e dos pais que sempre foram muito participativos nas atividades propostas.

Na sua fala, Jake informa que nas aulas on-line usamos o mesmo método porém a distância, com as crianças no on-line o educador fez a atividade do plantio e com isso elas plantaram o feijão em um copo e regaram todos os dias, e na próxima aula as crianças mostraram a planta já grande. Trabalhamos também a questão das crianças pegarem alguns elementos da natureza e formassem o desenho que elas quisessem, trabalhando assim o modo criativo delas.

É com sua fala que mostramos o significado dessa vivência para as/os educadores em suas formações:

Nós como educadores preservamos o bem estar da criança e ao longo da nossa formação como professores é gratificante pra nós porque temos essa oportunidade de passar os nossos conhecimentos pra essas crianças, elas além de fazerem atividades, elas se divertem com as atividades e isso é muito importante e é o que a casa encantada propõe, que é a criança desenvolver seus conhecimentos de forma natural, divertida e lúdica.

A educadora Ana de Almeida também relata sobre a questão:

Minha vivência no primeiro semestre foi totalmente de novas experiências e muito aprendizado. Começando com o semestre online que foi uma experiência única como educadora, apesar da distância dava para sentir o entusiasmo dos meninos mesmo estando distante. Cada um acabava se envolvendo nas atividades e sempre dispostos a participar, e para mim esse contacto online significou muito porque foi o meu primeiro contacto como educadora e com certeza foi uma experiência única.



O educador Márcio explicita através do seu desenho.

Foi uma experiência nova pra mim, mas foi bom ter participado e ver a criatividade das crianças. Apesar de difícil, porque tinha quedas de internet, havia problemas de conexão de internet na Casa Encantada.

No final, com a ajuda dos pais, todos os educadores e das crianças, foi possível realizarmos as atividades de forma virtual e com sucesso.

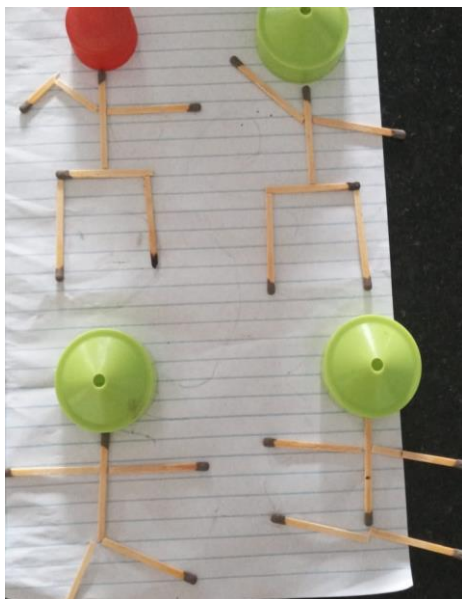
Sucesso – termo trazido nesta fala de Marco, escolhido aqui como conceito que remete ao brilhante trabalho da equipe da Casa Encantada neste período de Pandemia, que as imagens falam por si. Trouxeram dores, problemas, doenças, pessoas da equipe contraíram o vírus, problemas com a bolsa. E, para não quebrar o clima que aqui propomos – é melhor, como diz a Mayra, não comentar muito.

Educadora Mayra:

Assim percebemos que o afeto na relação de educação, é bem mais profundo no modo presencial. Porém no modo presencial, o fato das crianças terem que se deslocar até a Casa Encantada e depender da disponibilidade de seus familiares para isso dificultou um pouco a frequência de muitas crianças, e no modo virtual atendemos crianças de vários locais e era mais cômodo para os familiares, já que necessitavam apenas ter um aparelho eletrônico conectado.

Sobre semestre virtual, não irei comentar muito, pois a disposição de educadores do eixo de artes e ludicidade não acompanhou de perto essas dinâmicas virtuais devido a incompatibilidade de horários de estudo e atuação na bolsa. Mas foi trabalhado para encerramento híbrido, junto às crianças do modelo virtual histórias dos povos originários do estado do Ceará, a lenda da carnaúba, planta nativa e que trouxe todo um contexto para o encerramento das atividades a partir da contação de história.

A experiência surge, conforme indica a imagem abaixo, propiciada pelo educador Bento Mateus. Notemo-la.



O primeiro semestre virtual foi pra mim o início não só do meu vínculo não com a casa encantada, mas o início do vínculo com os participantes da casa encantada que são as crianças, foi um outro grande desafio, pela qual enfrentei, necessitando de muita ajuda, que por acaso tive dos diferentes educadores na época, entrei e logo fui designado com um eixo, quase sem experiência. E...

com bastantes dificuldades seguimos com as atividades que ajudaram bastante porque melhor que orientações foi estar presente, e os planejamentos junto da coordenadora do eixo e outras professoras foi a chave pra me enquadrar e desenvolver a capacidades exata para desempenhar tal papel, o de educador infantil no domo virtual. desenvolvemos uma série de atividades, e brincadeiras com os pequeninos, estas arquivadas e apresentada com trabalho no balanço dos finais do semestre.

De volta ao presencial.

Referente a essa questão, a educadora Mayra (May), contribui ilustrando com imagens, relembrando o afeto, elemento marcante na vida humana.



O semestre presencial, tanto o primeiro (temática das brincadeiras) quanto o segundo (temática dos povos originários) foram muito surpreendentes, tirando fato de que no segundo semestre teve uma forte nova onda de contaminação, onde até de minha parte, fui afetada pelo vírus da COVID, o que nos faz refletir sobre o quanto ainda devemos nos prevenir para evitar que as crianças sejam prejudicadas no quesito educacional e de saúde. Porém a melhor parte do modelo presencial é a ampla possibilidade de atividades de movimentação espacial e a relação mais próxima de ligação e afeto que desenvolve-se espontaneamente através do toque, abraços e observações diretas com as crianças.

Um momento marcante do segundo semestre presencial foi o momento que uma das crianças me chamou de “mãe”, obviamente confundindo a relação educadora com alguém próximo da família, questionada de maneira sutil a criança corrigiu sua fala, um tanto envergonhada do equívoco mas suas palavras foram acolhidas como algo significativo, pois para ganhar a confiança e amorosidade de uma criança a este ponto requer um trabalho delicado de interação. (May).

Com esse depoimento refletimos na importância de abraçarmos as tecnologias como ferramental educativa, porém, sem deixar de lado a presença. A fim do desenvolvimento do afeto, que, em se tratando da educação infantil, é fundamental.

2.1 A SEMANA MUNDIAL DO BRINCAR DE 2022

Nos encontros de planejamento e na prática cotidiana também aprendemos que o brincar é o principal ponto de desenvolvimento saúde física e mental, bem como é brincando que se aprende com prazer, com alegria, com curiosidade. Ao contrário de muitas pedagogias, a brincadeira não precisa necessariamente ter um objetivo traçado pelo adulto ou fazer sentido à primeira vista, é a brincadeira pela brincadeira, que pode ou não ter um final, podendo ser continuada em outro momento ou não. (Explícita e lustra a educadora May).



O eixo arte e ludicidade, colaborou nas atuações presenciais da Casa Encantada conduzindo atividades que levassem práticas de brincadeiras e estímulo à criatividade das crianças.



A Casa Encantada destacou a importância do brincar na “Semana Mundial do Brincar” – de 23 a 29 de maio de 2022¹. Em reconhecimento e afirmação da importância do brincar no desenvolvimento infantil, no dia 27 de Maio de 2022, das 16 às 18h, foram realizadas atividades lúdicas, artísticas, culturais e interdisciplinares na Praça do Obelisco, no município de Redenção - Ceará. A atividade foi aberta a toda a comunidade do Maciço de Baturité, afinal, brincadeira se aprende brincando.

A cidade possui três praças, no entanto as atividades do brincar, da casa encantada, se dão na Praça da Obelisco – que marca o processo de luta para a libertação da escravidão em Redenção / Ceará, aonde há monumentos que visibiliza esse feito, sendo de enorme valor para a educação política, racial e cultural das crianças. Pois, elas não estão em uma praça que ornamenta a cidade, mas, na Praça Obelisco, que revela a luta da cidade diante da libertação da escravatura.

¹ <https://unilab.edu.br/2022/05/27/semana-mundial-do-brincar-acontece-atividades-hoje-sexta-27-na-praca-do-obelisco-redencao-ce/>.



As imagens dentro e fora do espaço contém educadoras/es e as crianças.

Foi uma tarde memorável, segundo os educadores e crianças. A educadora Mayra destacou que brincou com muitas brincadeiras que nunca havia brincado. A educadora Neurina que participou a fim de observar e colaborar, explicou que *“foi uma tarde linda, todos se divertiram bastante”*. De origem africana a estudante da UNILAB integrou à equipe.

Um consenso foi vivido e sentido por todos, crianças, educadores, professoras e familiares que vivenciaram esta tarde na Praça como mais uma tarde de encantos!!!

3. AS FORMAÇÕES DOS/AS EDUCADORES/AS

A formação dos educadores se dá paralelo aos projetos desenvolvidos anualmente, sendo que em 2022 ocorreram dois projetos: o primeiro – visando enfatizar brincadeiras antigas e brincadeiras africanas, e o segundo – focando os povos originários. Tais formações materializa na dinâmica da Casa Encantada mediante a ação contínua e sistemática de interação, planejamento, vivências e reflexões em torno dos eixos e das atividades do cotidiano e nos ciclos formativos que são realizados uma vez por ano.

As formações ocorrem com as coordenações de eixo e são importantes instrumentos de aprendizado interdisciplinar para todos os membros que compõem o corpo de educadores da Casa Encantada. São momentos de tirar dúvidas e de cultivar inspiração e criatividade para propor sempre as mais diversas experiências às crianças atendidas.

São os eixos que norteiam os projetos e as formações, e neles refletimos sobre uma educação que respeite o tempo e o espaço, as singularidades de cada criança, tomando como exemplo nossos próprios “acertos e erros” na prática, na vida cotidiana, ou seja, refletir “o que

funciona”, “o que não funciona tão bem?” A partir da reflexão contínua e sistemática podemos criar o ambiente em que práticas podem ser vivenciadas e estas podem fortalecer a interação e desenvolvimento da criança em suas muitas linguagens.

Nos eixos dialogamos sobre a diferença do brincar na escola e fora dela. Nos questionamos, enquanto adultos, quando paramos de brincar? A resposta talvez esteja em uma frase do filósofo Renato Nogueira (2019) que diz: *Um olhar infantil é capaz de se espantar diante do que é corriqueiro e enxergar coisas inusitadas nas situações mais regulares e ordinárias* (p. 135). E é esse olhar que norteia e conduz as práticas não apenas do eixo artes e ludicidade mas todos os demais eixos, pois somos uma ciranda, de mãos dadas.

De 11 à 15 de julho, a coordenação e professoras coordenadoras de eixo, juntamente com educadores se reuniram para pautar alguns saberes pedagógicos como saber diferenciar plano de curso de plano de aula; montar os planos de aula dos 4 eixos para a Colônia de férias com a temática BRINCADEIRAS; introduzir o plano de curso do semestre seguinte (bimestre 1 e 2 2022).

Neste intuito, a metodologia da semana foi de construção coletiva, geração de ideias e sistematização em planos. De forma dialogada e integrada à prática, os educadores elaboraram um plano de aula, tendo como dinâmica diária: acolhida, 1ª atividade, lanche, 2ª atividade, encerramento, um plano de curso, contendo os temas bimestrais, objetivos e cronograma dia-a-dia.

Paralelo às atividades de atendimento e formativas, também é realizado encontros durante o ano de formação e planejamento, com especialistas colaboradores /as convidados/as para este fim. E as imagens ilustram a cena - crianças, educadores/as e convidados especialistas colaboradores.



3.1 A XII formação de arte educadores interculturais

A XII Formação de Arte-educadores Interculturais foi realizada, entre os dias 30 de abril a 04 de junho de 2022, no formato híbrido (presencial – na Casa Encantada, Redenção e *online* por meio do Meet), pelo Centro Integrado de Atenção ao Desenvolvimento Infantil – CIADI, em parceria com o projeto de extensão universitária Afrodita, o grupo de Pesquisa Educação, Cultura e Subjetividades (EDUCAS/UNILAB), e a Prefeitura Municipal de Redenção.

As inscrições para as atividades do evento foram realizadas via *google forms* e divulgadas nas redes sociais. As atividades foram realizadas em formato híbrido, presencial e virtual. Esta formação ocorreu durante o semestre letivo acadêmico e escolar e contou com quatro encontros em dois sábados.



O primeiro encontro virtual abordou sobre **A organização do trabalho pedagógico da EL: entrelaçamento de concepções, saberes e conhecimento**, foi realizado no dia 30 de abril do ano em curso, por meio do *Google Meet*. Contamos com a presença da professora formadora da Rede Municipal de Fortaleza, a Profa. Alda de Lavor Freire, que apresentou slides.

O segundo encontro contou com a palestra da Profa. Alda de Lavor Freire e Renata Ferrer que compartilharam o **Programa ateliê Fortaleza 2040: uma tessitura feita a muitas mãos**, no dia 7 de maio, das 09h00 às 11h00, presencialmente na Casa Encantada.



A atividade se iniciou antes do horário previsto, às 09:00 horas, pois a atividade de fato começa na preparação e organização do espaço para receber os convidados (as), tendo em vista fortalecer o sentimento de acolhimento para com os (as) mesmos (as). Houve um pequeno atraso pelos inscritos, alguns relataram não saber o local exato da Casa Encantada, outros por questões pessoais, mas após as 9:20 começaram a chegar e assinar a frequência, que mais tarde seria usada como base numérica pra o sorteio de um material pedagógico projetado pelo projeto Ateliê.



No primeiro momento se introduziu, através de slides, a apresentação de Alda e Renata, assim como seus processos de vida e carreira junto à educação. Os (as) presentes também se apresentaram e falaram do porquê de estarem ali partilhando o momento formativo.

Logo adiante, começou o aprofundamento teórico e oral acerca das temáticas voltadas ao dia a dia das escolas, em especial creches e as crianças e a ênfase na importância de estreitar laços entre escolas e comunidade local.

Assim como a importância do diálogo e lugar de fala dos familiares com as instituições de ensino, para que a educação possa respeitar as diversidades, mas também as individualidades das culturas das crianças.

Na segunda parte foi uma práxis (unindo o teórico e pratica), creio que o momento foi desejado e talvez não aguardado, pois quando adultos raramente somos direcionados a práticas lúdicas. Onde os presentes poderiam fazer uso dos materiais diversos usados na decoração do

ambiente do encontro, para produzir arte e brincar de forma livre e única, botando todas suas criatividade para fora, assim como devemos incentivar que façam as crianças, priorizando brinquedos não estruturados e fugindo dos materiais estruturados ou que tiram a autonomia das crianças.

O terceiro momento foi novamente teórico, agora abordado a BNCC e autores que demonstram o quanto filosófico e inspirador é o estado de ser e estar criança. Apontando para a necessidade da escuta, agora das próprias crianças, percebendo suas curiosidades, necessidades, o que as agrada e que não as agrada (sempre pensando no coletivo mas também na individualidade e nas identidades que estão se manifestando dentro dos espaços educacionais).

Enfim, o lugar onde o adulto pratica mais o ato da escuta e a criança o do poder das palavras mágicas, que podem transformar o espaço das instituições para melhor, se tais falas forem levadas a sério em nossa sociedade. Pois muito se pensa em como nos adultos podemos melhorar as práticas educativas e lúdicas, mas raramente cooperamos com a principal fonte de saberes sobre o assunto, as crianças do agora!



Como bem disse Alda em uma de suas falas, brincar não deve ser visto como algo menor ou descolado do aprender, o brincar não é no recreio ele é na sala de aula, é o caminho mais fácil para cativar e proporcionar as mais variadas formas de sabedoria a um ser humano. Segundo suas pesquisas e práticas educacionais, existe um circuito composto por conhecer-se, conviver, explorar, participar, expressar-se e brincar, coisas que parecem simples, mas muitos

de nos não tivemos plenos direitos a todos esses elementos, devido às práticas de reprodução fortemente presente nas escolas.

E agora, críticos e críticas dessa realidade podemos estar introduzindo novas metodologias que preservem e não sabote as infâncias de hoje e abrace o adulto de amanhã, como um único ser, pois não precisamos decepar a infância da nossa vida ao se tornar o que determinam como adultos, pois é essa proximidade com os prazeres da infantilidade (não da infantilização) que nos tornam seres mais prósperos em vários aspectos das nossas vidas.

Para encerrar, após os agradecimentos, aproveitou-se o espaço para reforçar sobre as experiências e práticas exitosas dentro do brincar livre (brincar heurístico- que é um educar com apoio dado pelo adulto e não imposto pelo adulto), falando das “experivivências” que nós bolsistas da Casa Encantada estamos tentando desenvolver de maneira interdisciplinar, para que os presentes soubessem que tais práticas podem estar se manifestando, não apenas nas escolas de Fortaleza apresentadas pelas formadoras, mas que podemos trazer isso para nossas realidades não urbanas também, espelhando-se no reforço ao contato com a natureza e brincadeiras ao ar-livre, assim como o uso de elementos não estruturados e naturais, que até foram expostos para a prática do segundo momento como por exemplo, as esponjas naturais e cabaças e peças de madeira madeira, entre outros diversos que podemos encontrar em nossa região e também nos países africanos.





a) Avaliações dos encontros

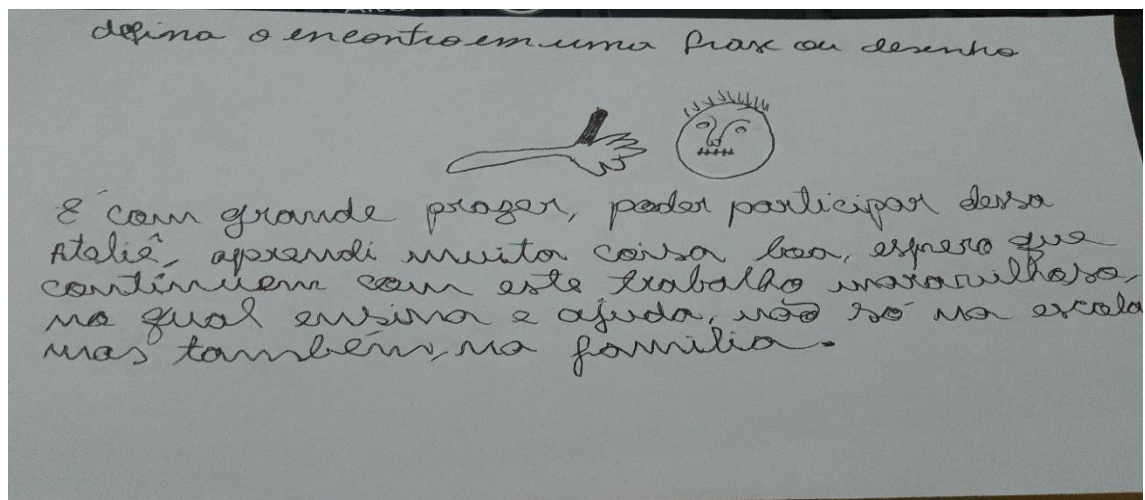
Para concluir foi realizada uma avaliação mista, oral ou escrita onde os participantes poderiam registrar, em forma de desenho ou frase, o que lhes tocou, incomodou, estavam sentindo ou pensando acerca da formação. Os registros se encontram nas imagens seguintes.



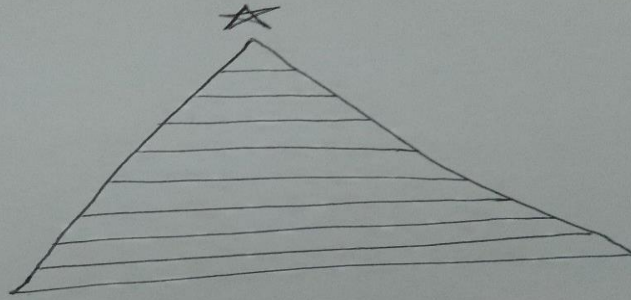




Foi pedido que se expressassem em uma folha de papel em forma escrita ou desenho, cujos resultados estão abaixo registrados. Foi poético, criativo e estético.



define o encontro em uma frase ou desenho



define o encontro em uma frase ou desenho

encontro muito produtivo, cheio de reflexões, ideias e conhecimentos partilhados e conteúdos

Frequência

- XII Formação de arte educadores interculturais.

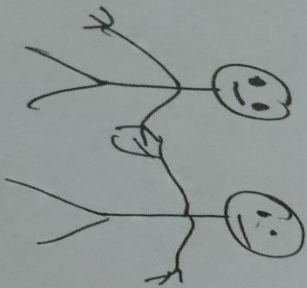
• Encontro 2

• Programa Atilé Fortaleza 2010 uma tessitura feita a muitos mãos.

- 1- Raquel da graça Braga
- 2- Gimão Márcia Agostinho Carige
- 3- Analtina António Cussitala
- 4- António Sérgio Maciel de Souza Senimar
- 5- FRANCISCO JOSÉ DA SILVA
- 6- Nuno Domingas Saboquero
- 7- Paulina Fayla Kuzulu
- 8- Franklin José Paulo
- 9- Fernanda Carmião António
- 10- António C. Cassoma Sachissokel
- 11- Paulo Mota
- 12- Moira Shirley Alves do Silva

13- Regina Neme Argentina Co-

defina o encontro em uma frase ou desenho
de primeira, ou quero dar meus abra-
ços e beijos pelo projeto CITA de re-
ligar a formação; na verdade gos-
toir muito o amor e encontro!



defina o encontro em uma frase ou desenho

Quisadito, união e maior demonstra-
ção de afeto (uma das melhores) e
proporcionar amor as crianças vale
muito a pena. A criança precisa
ver o seu mundo.

Mais amor
Por favor

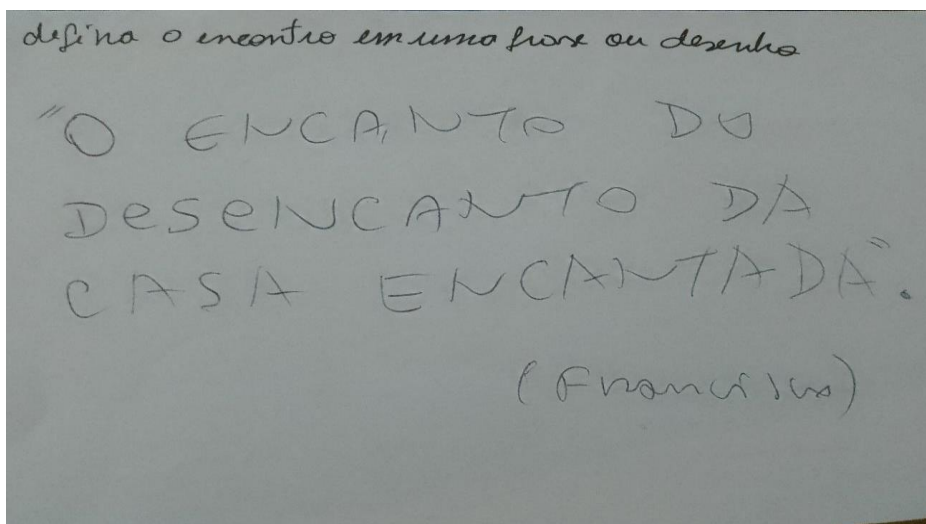
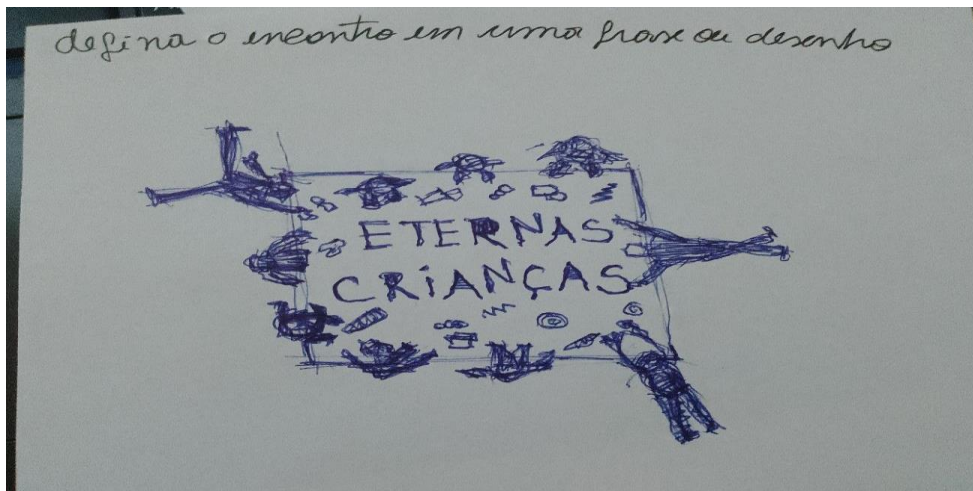
de pino o encontro em uma frase ou desenho

* O modo aprendido, uma visão do mundo no olhar de criança, a importância de educar e deixar a criança se expressar.

de pino o encontro em uma frase ou desenho

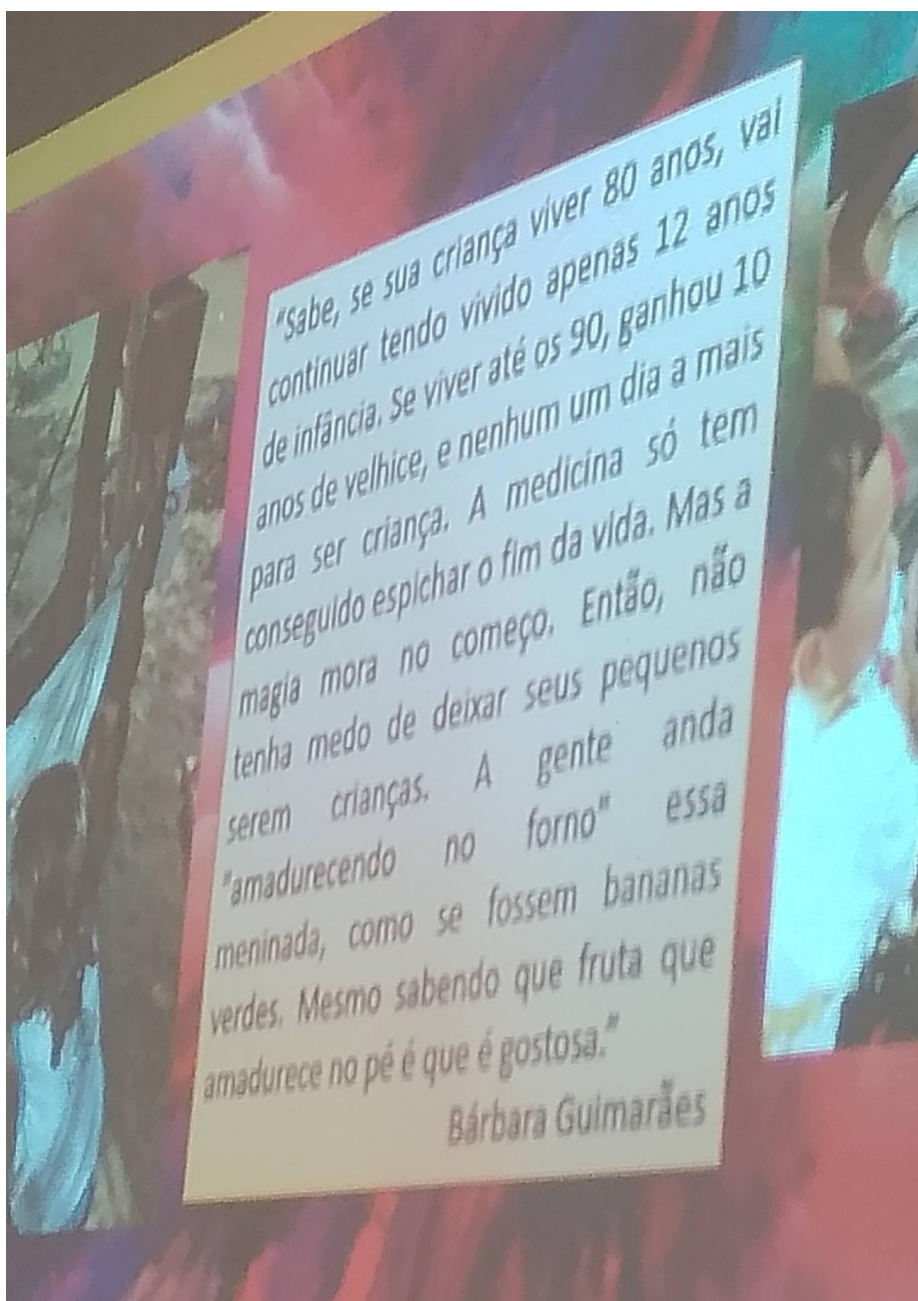
Interessante, porque está forma de aprendizagem chega a trazer nas crianças o espírito de liberdade, e com isso tornar o aprendizado prazeroso.

Eternas crianças!



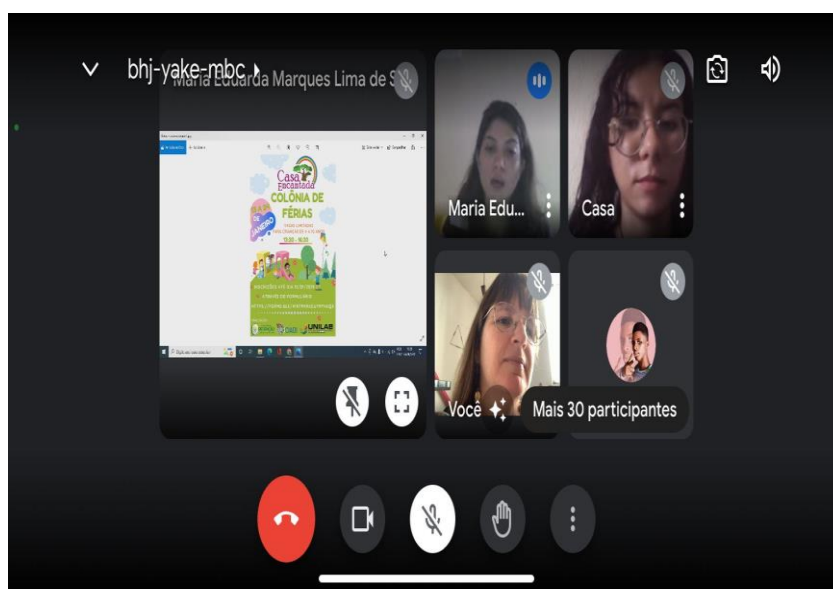
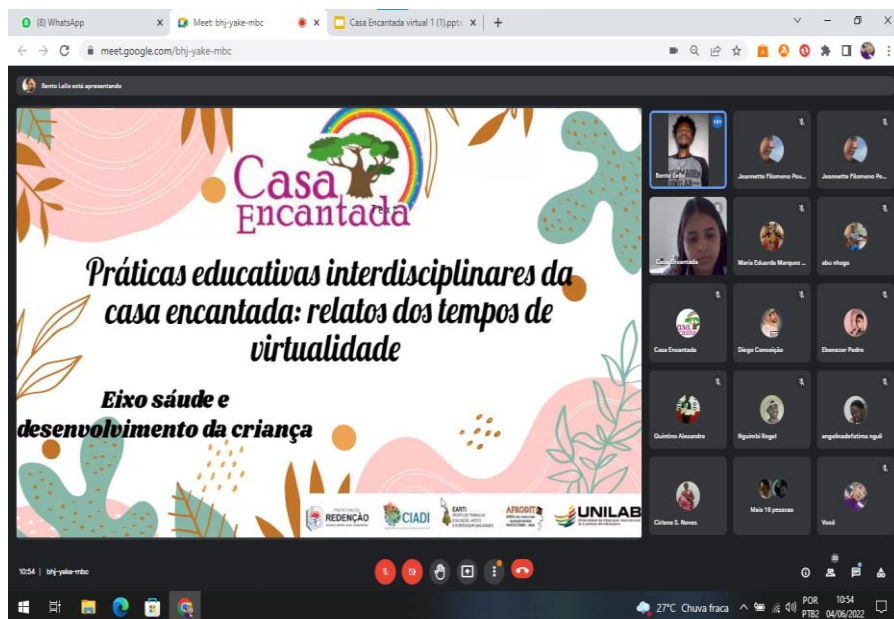
"A cor de hoje parece ser o amarelo, e nem foi combinado" Alda, 2022.





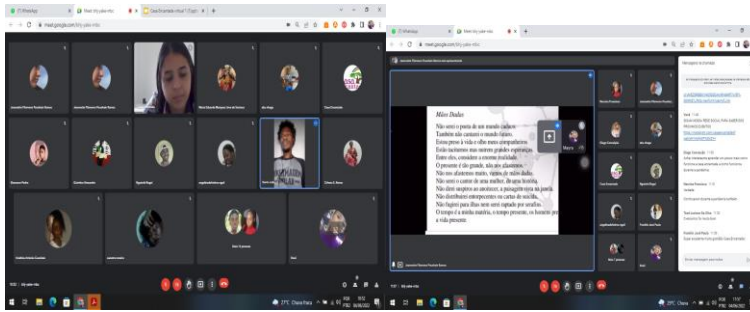
Faz-se importante relatar que ocorreu também o quarto encontro de formação, no semestre, ilustrados na telinha imagética abaixo, e apenas a mencionamos neste relatório, sem descrever com afinco. O quarto encontro foi realizado no dia 04 de junho, das 09h00 às 11h45min, no formato remoto, sob o tema: Práticas Educativas Interdisciplinares da Casa Encanada: relatos dos tempos de virtualidade, tendo como palestrantes, a Profa. Jeannette

Ramos, Diego Conceição e os/as educadores/as da Casa Encantada ilustrado na imagem que segue abaixo.



No ano foram formações e projetos que se intercalam, se imbricam um nasce do outro. E vale notar que durante os quatro encontros de formação participaram 110 pessoas, incluindo os formadores/palestrantes e os formados/ouvintes, que no final, foram atribuídas, a

todos/as, o certificado de participação para os ouvintes, assim como de palestrante para os/as formadores/as.



3.2 Formação para a educação racial na infância

O eixo cultura e matrizes africanas assinala uma proposta antirracista e sucedeu projetos e formação. E como relacionar a questão antirracista na educação das crianças tão pequenas? Possivelmente fazendo o inverso do racismo cotidiano, ou seja, através do bem viver, na relação com a outra/o outro, de forma que naturalize-se antirracistas. Ou seja, com o método de uma educação cultural realizada natural(mente), embasada no cotidiano brasileiro, enfocando símbolos, formas e marcadores, uma vez que os estereótipos raciais são negativos e tornam-se comuns na sociedade brasileira, ganhando forma, fortalecendo a ideia de superioridade (branca) e inferioridade (negra). Essa questão influencia nas exclusões sociais, reverberando na desigualdade sociorracial brasileira. Nesse sentido a professora Ineildes Calheiro contribui com o projeto formações que intersecciona raça, gênero e classe.



Professora: Ineildes Calheiro

Pensar uma formação voltada para o projeto brincadeiras africanas voltada para a temática Matrizes africanas requer contribuir na preparação de profissionais para a compreensão do racismo e buscar uma educação antirracista, por estar diante de uma sociedade marcada pelas sequelas da colonização, escravidão e a diáspora, que possibilitou juntar e ressignificar culturas. No entanto, atravessadas pelo racismo cotidiano, como bem lembra discute a autora Grada Kilomba (2019).

Ana Célia da Silva (2004) analisando livros didáticos detecta elementos que não contribuem para uma educação antirracista, pelo contrário, forma racistas. Tais livros colocam de forma explícita a intenção de inferiorizar e desumanizar o negro e a negra, que é descrito e ilustrado de forma caricaturada, deformada, associado a seres destrutivos e sujos. A autora

também analisa personagens do célebre Monteiro Lobato e constata o racismo, termo conceituado por Carlos Moore (2007) como ideologia. Desta maneira, refletindo no CIADI sobre esse problema histórico, fizemos a primeira formação para todas/os educadoras/es.

A Fotografia tirada na formação² ilustra o material pedagógico utilizado pela docente, e uma das educadoras de outro eixo descreve sua reflexão do curso, mostrando a interdisciplinaridade.



Educadora: Ana de Almeida

Tivemos um encontro de formação com a professora Ineildes cujo o tema foi: educação antirracista, deu para aprender bastante como através de histórias e brincadeiras e até mesmo canções nós podemos mudar a concepção das crianças sobre o racismo e temos a oportunidade de ensina-las de forma lúdica sobre questões étnico-raciais.

“O racismo é uma questão estudada por vários pesquisadores. (...) é um comportamento social que está presente na história da humanidade e que se expressa de várias formas, em diferentes contextos e sociedades”. (GOMES, 2005, p.52. SECAD.). Nesse sentido, esse tema levou à cabo a Lei 10.639/03, que estabelece o ensino da história da África e da cultura afro-brasileira no sistema de ensino. A lei é fruto da luta antirracista do Movimento Negro, e trata do contexto racial, cultural, religião e dos povos originários inseridos na lei posteriormente.

Para Nilma Lino Gomes (2005, p.47)³, no Brasil, há um abismo racial entre negros e brancos, e quanto mais a sociedade, a escola e o poder público negam a sua existência, o racismo vai se propagando.

Houve também a formação de gênero na educação no segundo semestre do ano, em outubro, com o tema: sinais de gênero na infância, promovido pela mesma professora (Ineildes Calheiro) sendo 20 participantes entre educadores da casa encantada, discente da Unilab, trabalhadoras/es da prefeitura e comunidade. Não sendo aprofundado aqui.

² A ilustração - é de acervo próprio, cuja fotografia foi tirada no momento da formação do eixo, registrando o material utilizado.

³ Conjunto de artigos da Coletânea de textos do SECAD/MEC.

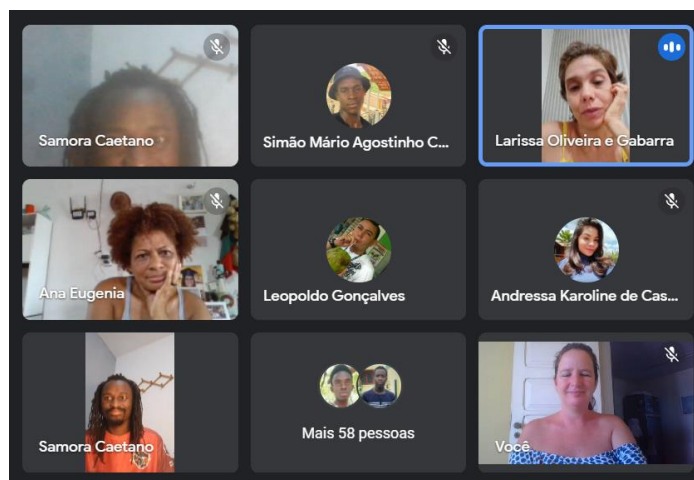
4. OS PROJETOS DO ANO 2022

4.1 Brincadeiras antigas/ brincadeiras africanas - o Primeiro projeto de 2022

No dia 21 de maio, 2022, via Google Meet, das 09h00 às 11h00, a temática abordada foi Brincadeiras Africanas, facilitada pelo ex-aluno da UNILAB e mestre Professor Samora Caetano. Formato: *online*, virtual via Google Meet. Participantes: 88 pessoas.

Perfil: Brasil (Ceará - Fortaleza, Caucaia, Acarape e Redenção, Portugal e PALOPs (Guiné Bissau e Angola). Graduandos de Bacharelados e Licenciaturas, Cursos de Agronomia, Química, Ciências Biológicas, Artes Matemática, História, Pedagogia. Pós-graduandos especialistas e mestrandos.

A memória do curso trazido pela professora Jeannette Ramos integrante da equipe, na última tela, bem como mostra alguns educadores, convidados, Samora e a participação da coordenadora do CIAD-CASA ENCANTADA, a prof. Larissa Gabarra, na primeira tela à direita.



“O saber é uma luz que existe no homem. A herança de tudo aquilo que nossos ancestrais vieram a conhecer e que se encontra latente em tudo o que nos transmitiram, assim como o baobá já existe em potencial em sua semente” (BOKAR *apud* HAMPÂTÉ BÂ, 2003, p. 175-176).

Iniciamos a temática Brincadeiras africanas com a apresentação da Profa. Coordenadora do CIADI/Casa Encantada, Larissa Gabarra e o mestre Samora Caetano. O encontro contou com três momentos. São eles: as vivências de cada um/uma/umas no brincar em suas infâncias,

o que eu sei sobre África e sobre as crianças e as brincadeiras africanas. Ao final, realizamos uma avaliação do encontro e a sugestão de novas temáticas para as próximas formações. E, mediante convite de Samora para as pessoas participantes assistirem o vídeo de batucada de Mamady Keïta - Kuku⁴ e comentarem, destacamos nesta descrição as falas.

A educadora Mayra Mirley comentou no chat

“Batucar é ótimo. Até eu que não sei batucar, às vezes, me pego batucando nas coisas”.

O comentário de May nos remete à ancestralidade que desabrocha no corpo, de maneira esporádica, no qual fazemos o que não sabemos – mas o corpo sabe. Corpo é saber.

Em seguida, Samora propôs uma vivência onde cada um fizesse uma viagem a sua infância e conectar-a-si mesmo, com brincadeiras, materiais, relações, emoções, entre outros. Diante desse contexto, histórias e estórias foram narradas oralmente e escritas no chat, versavam tanto das relações com a natureza e seus elementos terra, água, ar e fogo, com os reinos mineral, vegetal, animal e humano, como também de aspectos relacionais e intergeracionais e das interfaces entre diferentes experiências culturais e o possível diálogo intercultural.

Andressa Karoline de Castro Gomes relatou no chat:

Era minha mãe que brincava de velório junto com os irmãos dela. Eles matavam os calangos e rãs, colocavam na lata de sardinha (caixão) e aí tinha todo o cortejo. Os meninos levavam o ‘caixão’ e as meninas cantavam músicas de velório, fazendo todo o percurso até chegar ao ‘cemitério’. Segundo minha mãe, era tão real que ela até chorava.

Luzimara Miranda Oliveira, de São Francisco do Conde - Bahia, expressou no chat:

Eu, costumava brincar na minha infância de diversas brincadeiras, que foram contadas pelos colegas. Tais como: roda, gangorras, esconde esconde, boca de forno, estátua, amarelinha, casinha, desfiles de moda, cozinhado etc. Lembrar é reviver as origens e resgatar essas memórias, através dos diálogos. Muito maravilhoso!!!

Bruna Mirela, de Camaçari/Ba, estudante de Letras da Unilab, Campus dos Malês:

Não tenho filho, mas tenho uma sobrinha e alunes, e fico muito preocupada com o uso exagerado da tecnologia nos dias atuais e a falta de aprendizado e interação das crianças e adolescentes entre si.

⁴ (176) Mamady Keïta - Kuku - YouTube.

Tosé Luciano da Silva, de Guiné Bissau, cita que costumava jogar a bola e bilas com os colegas. Ducher de Guiné Bissau citou que, através da vivência, viajou no tempo e recordou das brincadeiras tradicionais guineense como bater palmas e brincar pela rua. Outros citaram cirandas, soltar pipa etc. As experiências do brincar nos quilombos, como nas periferias dos centros urbanos, cá e acolá, apresentam cenários de invencionices, como sintetiza Manuel de Barros, ao improvisar com elementos da natureza brinquedos e brincadeiras como **bola de meia e bola de peru**.

Arnaldo Antonio ilustra que na escola no Quilombo em Alto Alegre Horizonte, no Ceará, as meninas brincam de pular corda e nós brincávamos com bola de meia, e carro de lata. Ana Eugenia, quilombola quixadaense do Ceará, cita a famosa casinha, mas, traz o diferencial:

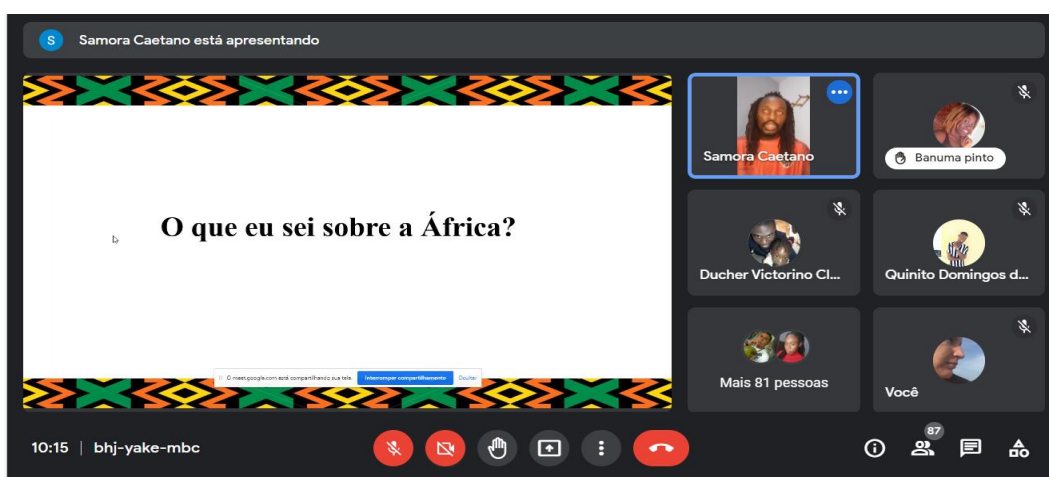
Outra brincadeira que sinto saudades, era a brincadeira de casinha. As comidas eram feitas com sementes, o dinheiro era as folhas, o colorau era feito de tijolo, pisado com a pedra. ela segue seu relato de invencionices com elementos da natureza, [...] pois, nós não tínhamos bola. minha mãe criava peru e quando ela matava para nos alimentar, o papo era retirado e era feita uma bola.

Essa memória é forte. Brincar de bola com o papo do peru. Eu, particularmente, acho interessante refletir num currículo na educação brasileira sobre a relação humana com os animais. As aves, a fauna e a flora. Precisamos nos educar para o afeto ampliado a todas as vidas. Por outro lado, Ana Eugênia trouxe a magia do brincar, a memória do brincar no inverno, da **magia do encontro das águas com a terra**. Próximo a sua casa havia um riacho e com o barro eles faziam uma barragem e criavam uma piscina. Quando a chuva era mais forte, desmanchava tudo e eles faziam de novo no outro dia. Esta vivência, dentre outras, também apresenta o exercício da vontade, de fazer, fazer e refazer, sempre que necessário tão saudável no desenvolvimento humano. Estas experiências revisitadas se constituem num repertório riquíssimo, num conhecimento singular e profundo. Hampate Ba narra que:

Ao fazer uma caminhada pela mata, encontrar um formigueiro dará ao velho mestre a oportunidade de ministrar conhecimentos diversos, de acordo com a natureza dos ouvintes. Ou falará sobre o próprio animal, sobre as leis que governam sua vida e a “classe de seres” a que pertence, ou dará uma lição de moral às crianças, mostrando-lhes como a vida em comunidade depende da solidariedade e do esquecimento de si mesmo, ou ainda poderá falar sobre conhecimentos mais elevados, se sentir que seus ouvintes poderão compreendê-lo. Assim, **qualquer incidente da vida, qualquer acontecimento trivial pode sempre dar ocasião a múltiplos desenvolvimentos**, pode induzir à narração de um mito, de uma história ou de uma lenda. **Qualquer fenômeno observado permite remontar às forças de onde se originou e evocar os mistérios da unidade da Vida**, que é inteiramente animada pela *Se*, a Força sagrada

primordial, ela mesma um aspecto do Deus Criador. (Grifos nossos, In Metodologia e pré -história da África, p. 183).

Toda experiência é um aprendizado e as brincadeiras para a infância fazem parte da sua essência, da natureza do ser humano. Concordamos, então, com a máxima de **Falk de** que “A criança não brinca, ela vive”. Assim sendo, “A criança é em si a potência de si mesma” (Ramos e Moraes, 2020, p. 17), como o Baobá já existe em potencial em sua semente. Segundo, o próximo passo do curso está lançado na tela (ilustrado abaixo).



Antes de revisitar as brincadeiras africanas, tema do Encontro, fez-se necessário refletir na pergunta: o que eu sei sobre África? O que é continente mãe da humanidade?

A primeira imagem relatada foi da distância entre a África narrada nas escolas de educação básica, às visões preconceituosas, de pobreza, de conflitos, estereotipada, entre outros. Em *Cartografias sobre a produção do conhecimento* (AVANCINI, 2008, p. 139), se confirma que “A história do **continente-mãe** da **humanidade** não é estudada na escola. Aprendemos uma história eurocêntrica que nos pôs de costas para a história e para a cultura africana”.

A Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira cumpre com sua missão ao apresentar à comunidade acadêmica outras perspectivas para leitura da história da humanidade e nesta a importância da descolonização do pensamento, das práticas, das relações e da imaginação. África, então, não é apenas um continente, África é um plural. África é riqueza. Para Pariel da Silva, participante da formação em tela, “África é um país de ouro, pela cultura, pelos laços de convivência e a história da África, que precisa ser contada para africanos e para todo o mundo”.

Neurina Francisco registrou no chat que “Falar de África, é multicomplexo, é sobre diversidade de culturas, costumes, músicas, línguas, valorização de identidade cultural”.

Há consenso de que o aprendizado até então foi colonial e que a UNILAB tem possibilidade de romper com este paradigma. Estudantes da UNILAB presentes na formação citam que esta tem promovido o descolonizar o pensamento. Em suas palavras:

Nós somos sementes e dentro das instituições que vamos atuar, vamos levar este conhecimento, pois fazemos parte desta cooperação sul-sul.

Recortando um trecho da fala de Dayane Chaves Freitas. Para ela:

Nós como estudantes éramos leigos e que após a UNILAB é que foi desmistificando a mente. Só a partir da descolonização é que conseguimos compreender de fato, a realidade.

Para compreender a tradição africana, segundo Hampate Bá, é preciso considerar que não existe uma África, um/uma sujeito/a africano/a, universal, e que não há uma tradição válida para todas as regiões e etnias, ou seja, universal, “[...] há numerosas diferenças; deuses, símbolos, sagrados, proibições religiosas e costumes sociais delas resultantes variam de uma região a outra, de uma etnia a outra; às vezes de aldeia para aldeia (BÁ, 2003, p.14). Seguindo, o próximo passo do curso tratou de partilhas. Não da partilha colonial do ocidente que devastou o continente, cada países europeus dominando uma parte do continente, resultando no que hoje se conhece como PALOP – resultante da colonização de Portugal. No entanto, a partilha proposta no curso foram as trocas de memórias para a educação.

a) Partilhas de trocas: memórias da infância

A brincadeira de amarelinha é também brincada em Guine e Moçambique, o que muda é a música. Por este motivo não se sabe a origem da brincadeira de amarelinha. E os cantos são de diferentes linguagens e línguas. Foram importantes para esta temática as contribuições de memória das pessoas de origem africanas presentes.

Beatriz de Souza Bessa expressou que a experiência narrada por Samora lembrou o túnel da quadilha.

Nguimbi Rogel lembrou que tem em Angola também.

Letícia Duarte, complementa, recordando a cantiga de roda infantil: “quem, quem, passará?”.

Neurina Francisco registra o Jogo do passarão e depois puxão como se fosse uma corda.

Teresa Vita, por sua vez, confirma e notifica uma pequena diferença linguística: É isso mesmo, em Angola é Passarão.

Nguimbi Rogel relembrou a brincadeira da “Batatinha frita 1, 2, 3”.

Laiessa Sobral citou as brincadeiras de guigui Ndule Ndule Oju na Ceu, entre outras.

Maria Ednete Nina solicitou que Samora falasse sobre jogo de Vara, jogo de Sete pedras e jogo de surumba-surumba da Guiné-Bissau.

Foram muitas as brincadeiras trazidas nas memórias, algumas conhecidas no Brasil outras desconhecidas. Sobre a interseção entre as brincadeiras e as diferentes manifestações culturais, vejamos o que diz os estudos:

Com as cantigas de roda, gestos, movimentos, jogos inventados e ensinados pelos pais que o brincar se tornou uma cultura sendo esta passada de geração em geração. Outrossim, cada país, região, comunidade, tem sua singularidade no brincar as músicas podem ser parecidas, mas a forma de como que se brinca ou até mesmo o nome da brincadeira pode se diversificar. (ALENCAR, RAMOS, xxx, p. 312), (FONTE, A BRINCADEIRA COMO PONTE PARA O DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DA CRIANÇA, Juliana de Sousa Alencar, Jeannette Filomeno Pouchain Ramos.

Concluindo o encontro do primeiro projeto do ano São as expressões dos/das participantes que conclui essa parte.

- a) Luzimara Miranda Oliveira - sintetiza que gostou muito, foi um momento maravilhoso e de aprendizado.
- b) Luciana dos Santos registrou que essa manhã foi incrível de formação e partilha!
- c) Para Ana Eugenia foi um momento de partilha de memórias, lutas e resistência. Memorar é preciso.
- d) Tchern Baldé considerou este encontro como conhecimento e lembrança da nossa infância
- e) Viano António Cabapitchim destacou a importância de manter viva a guinendade.
- f) Sanatra Roseira relata a gratidão pelas lembranças e pelos conhecimentos novos sobre a África em si.
- g) Nguimbi Rogel destaca as grandes trocas.

- h) Simão Mário Agostinho Cariege retoma a questão apresentada pelos educadores/educadoras, sobre a educação infantil no método remoto, sentindo a falta do presencial. E diz:

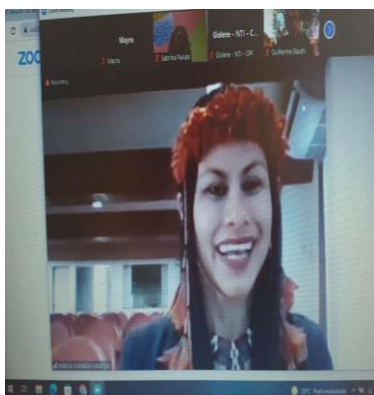
Por se tratar de brincadeiras, o encontro deveria ser presencial e on-line, devido à interação, movimentos e outros elementos práticos. Mas, contudo, foi muito bom, e quem sabe da próxima; e Alassam balde fala da importância de encontros formativos presenciais e rememora as brincadeiras de lata.

Por outro lado, o encontro virtual possibilitou as trocas de saberes, com colaboradoras/es de vários lugares, enriquecendo o acervo das brincadeiras populares do Brasil e de países africanos. Por fim, desse encontro e formação surgiram sugestões de novas temáticas, dentre as quais destacaram-se “religião”: espiritualidade e (religiões) e educação de crianças; culturas religiosas de matriz africana e afro-brasileira; religiosidades africanas, como abordar em sala de aula?

4.2 Povos originários - o segundo Projeto de 2022

No Brasil, de acordo com dados da FUNAI - Fundação Nacional do Índio⁵, “contabiliza-se aproximadamente 305 etnias de povos indígenas, preservando 274 línguas e totalizando 896,9 mil indígenas distribuídos em todo o território brasileiro em 688 terras e áreas urbanas” (SILVA, 2018, p.481-2).

A Índigena Márcia Kambeba, da Amazônia, na Formação do SESC. (Na LEGENDA).



Importa ainda ressaltar iniciativas dos educadores que, motivados a partir dos temas geradores, também buscam e participam de outras formações. Para ilustrar, a educadora Mayra participou de evento formativo on line do SESC com povos indígenas sobre brincar na natureza.

No relato da educadora: “Tô amando e espero aprender muito para por em prática na Casa Encantada”..

⁵ Extraído do censo do IBGE — Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, ano 2010, disponíveis no site da FUNAI, 2016.

Deste modo, houve para além da presença de representantes dos povos indígenas realizando atividades lúdicas com elas, tivemos encontros “livres”, onde ficamos felizes olhando as muitas cores no espectro de uma única bolinha de sabão feita em um recipiente de garrafa pet, fizemos dobraduras de papel de cachorrinhos para decorar e deixar o espaço da Casa mais animado, fizemos também nossas pastas individuais para colecionar os desenhos que seriam entregues aos familiares no final do semestre como lembrança. (MAY).

“Houve para além da presença de representantes dos povos indígenas...”. Houve projeto!

A escolha da temática “Povos originários” tem relação direta com o trabalho da UNILAB, que trata no seu cotidiano questões relativas às diferentes culturas, tradições e povos africanos, falantes de língua portuguesa, bem como os povos indígenas nativos brasileiros, numa perspectiva decolonial (BALESTRIN, 2013), discutindo no seu cotidiano questões relativas às diferentes culturas, tradições e povos africanos, em especial os falantes de língua portuguesa, por serem os educadores atuantes, estudantes universitários originários desses países, trazendo suas experiências. E inserindo culturas dos povos indígenas nativos brasileiros e africanos.

Apreciemos o relato do educador Bento e o destaque dos povos originários e a ancestralidade.



Por meio do tema podemos mostrar junto as crianças, as origens de diferentes povos, e porque o consideramos povos originários, podemos mostrar também a sutil e importante diferença entre os termos indígena e índio, considerando preconceitos e a colonização, que é de suma satisfação ver as crianças se manifestando do quão importante foi saber sobre a questão.

As brincadeiras específicas de nossos antecedentes, de povos originários de diferentes lugares tal como músicas e falas de culturas como línguas complementam o semestre, como também algumas experiências vivenciadas por eles, por partes de convidados, foi de suma importante.

Bento nos remete à história e a condição dos povos indígenas do país. Que é desprezada, tratada com preconceito, conforme mostra os estudos, “o próprio termo “índio” não tem unidade concreta, nem semântica, expressando a marca histórica contraditória da colonização.

A diversidade dos grupos étnico-linguísticos da América Latina não cabe nesse termo genérico [...]”. (SILVA, 2018, p.482).

Destacando povos originários e o comprometimento do CIAD com o “lugar de fala” (RIBEIRO, 2017), em não falar pelo outro/a, em lugar de, adotando a crítica da indiana Gayatri Spivak (2010), convidamos pessoas apropriadas da fala, em falar sobre sua cultura, como nos brindou o indígena Mateus Tremembé. E o educador Bento, rememora em sua reflexão do eixo: *‘Tivemos alguns convidados indígenas que falaram sobre eles, também apresentaram um pouco da cultura’*. Concluindo ele diz:

Os educadores procuraram agregar mais conhecimentos sobre os povos originários para passar nas crianças, que não devem ser chamados "índios" mas sim indígenas. Teve alguns livros sobre os povos indígenas, onde tinha alguns termos que fomos ensinando para as crianças. E cada convidado trouxe algo novo, como por exemplo, música, histórias como fez o Mateus Tremembé e muito mais.

Sobre o tema, a professora Ineildes Calheiro ressalta com abordagens teóricas, e rememora os estudos de Yeda Pessoa de Castro (s/d)⁶ que trouxe em seus estudos um legado sobre a influência das línguas africanas no português brasileiro, revelando nossas relações estreitas através das línguas. Expressando que a região Banto, compreende um grupo de 300 línguas muito semelhantes, falada em 21 países africanos, entre elas, as de maior número de falantes no Brasil foram *o quicongo, o quimbundo e o umbundo*, faladas em Angola e em outros países. Para a autora, depois de (aproximadamente) quatro séculos de escravidão no Brasil, em termos de língua, o português brasileiro perdeu a força do português de Portugal – resultando em um movimento de africanização do português e, em sentido inverso, de aportuguesamento dos africanos.

Ness sentido, reeducar fortalecer a educação com base na africanização é importante. De forma interdisciplinar baseando-se na temática “povos originários” buscou-se no eixo ludicidade trabalhar de forma prática e teórica assuntos interdisciplinares, como por exemplo no caso da atividade sobre “ancestrais” (ver imagem), transformando a popularmente denominada árvore genealógica em uma árvore ancestral, para assim introduzir o conceito de forma artística e também colaborando com o eixo de educação ambiental, com a analogia de que nossos ancestrais, nossa família, são nossas raízes e nós somos os frutos e que assim como devemos cuidar da nossa família devemos cuidar da natureza e conseqüentemente do meio ambiente, para que o mundo seja um lugar melhor para todos.

⁶ Pasta de textos da professora e do professor, caderno 7. Prefeitura de Salvador-Ba. (s/d).

As imagens apresentadas pela educadora May do eixo Ludicidade na educação, remete à interculturalidade de um lado, e do outro a interdisciplinaridade.



A educadora lembra que, especialistas ressaltam que a criança não brinca, ela vive. Ela brinca pelo prazer de brincar e as aprendizagens oriundas desta experiência vivida são conseqüências favoráveis e bem vindas. Ao brincar ela também demonstra sua subjetividade, bem como também é possível perceber sua interação com o outro ou com pequenos coletivos.

Outra atividade para destacar é a atividade de colagem (imagem e), feita com materiais naturais (pedras,folhas,gravetos), inspiradas na produção artístico contemporânea, que trouxe para a Casa a possibilidade de livre expressão das crianças, utilizando também a mistura com materiais não naturais, onde se desenhou alguns tipos de mapas artísticos, após breve discussão sobre terras indígenas, uma atividade interdisciplinar com eixo ambiental.

A espacialidade das crianças foi trabalhada desde a prática da coleta dos materiais naturais no jardim até a disposição dos mesmos em cartolina, onde criaram os mapas com desenhos e também criaram mapas de colagem com fita adesiva e cola, de forma coletiva (aspecto sutil introduzido para lembrar marcante força da coletividade dos povos indígenas).

As demais atividades realizadas “se banharam” brevemente no “rio das experimentações” (analogia poética baseada na visita e diálogo proposto por Nadia Pitaguary com as crianças em sua contação de história e no experimento da tinta de urucun do vistante Lucas Canindé na Casa Encantada), pois quando se trabalha com crianças e principalmente em um eixo de muitas possibilidades, acredita-se que as crianças também podem propor o que elas querem, gostam e tem curiosidade, e isso deve ser respeitado.

A educadora May compreende as práticas interdisciplinares como uma educação decolonial. E elabora o seu pensamento da seguinte forma:

Podemos dizer que ao trabalhar com um tema norteador que faz referência aos povos originarios, estamos produzindo uma educação decolonial, pois com a colaboração do eixo matrizes africanas, procuramos utilizamos por algumas vezes a didática de acolhidas em rodas, fazendo ciranda, para cantar dançar e se expressar, sentando as crianças em círculo para ouvir nossos visitantes, e tudo isso demonstra uma ligação com o conceito de circularidade, presente não só na filosofia dos povos de origem indígenas mas também afro-brasileiros. Como nos diz Rubem Alves (2004) em seus pensamentos poéticos sobre educação é que:

[...] não há um programa a ser seguido numa ordem certa e num mesmo ritmo. Cada criança é única, com seus próprios sonhos, ritmos e interesses. A escola não pode destruir essa criança para amoldá-la a uma “forma” (ALVES, 204, p.54). Deste modo, a organização do trabalho pedagógico dentro do eixo de artes e ludicidade sempre procura apresentar metodologias de ensino que motivem e estimulem “o bichinho da curiosidade” nas crianças.

Independente da temática semestral, nosso objetivo é fazer os momentos de aprendizagem na Casa se ampliam até mesmo quando elas não estiverem conosco. Sempre observando e validando os interesses e sugestões das crianças, a fim de poder realizar atividades que envolvam a diversidade e valorizem a individualidade, tendo como prioridade tornar cada momento um encontro especial e interessante.

Sendo diversos os povos ancestrais, conceitua-se como *povos originários*, contudo, cada grupo com suas especificidades próprias, sendo importante conhecer e inserir tais culturas na educação brasileira a partir da infância, sobre as nossas origens, as diversidades de povos, línguas, culturas, atuando com as crianças de forma lúdica e de entretenimento, resgatando histórias sobre os povos originais, valorizando-as, construindo pensamentos, com impressão em cada traço de desenho feito, em cada pintura e em cada dança que elas, as crianças, produziram, dançaram, cantaram, pensando também nas identidades próprias e construídas.

Desta maneira, os projetos realizados na casa encantada corroboram com o antirracismo e a educação sem preconceito, por meio da lei 10. 639/03. Nesse sentido, as culturas quilombolas, os quilombos (SIQUEIRA, S/d⁷; NASCIMENTO, 1980), os povos indígenas, africanos, entre outros, são povos originários e não devem causar estranhamentos às crianças, nem ser vistos pelos povos brasileiros como um passado, inexistente, mas, ao contrário, como um presente - “a cultura viva”, a que nos remete Houtundi (2008), significando uma riqueza para o mundo.

5. A DINÂMICA DE FUNCIONAMENTO DA CASA ENCANTADA

A equipe fala sobre a dinâmica de funcionamento, descrevendo como funciona, como é realizada, quando e de que forma nos estruturamos.

A educadora Jakeline Nunes:

A dinâmica de funcionamento foi às segundas, terças, quartas e sextas presenciais e às quintas ficaram a modalidade EAD com as crianças que estavam no ensino remoto antes. A princípio foi desafiador, mas com o dinamismo das crianças e o interesse pelas atividades foram de muita importância para o desenvolvimento dos temas propostos.

A professora Ineildes Calheiro

Sempre estou as quartas-feiras. Observei nestes dias que as crianças presentes chegam no horário e, vão, cada uma, procurando aquilo que gostam mais de fazer e já sabem aonde fica: a boneca é preferência de uma educanda que tem 3 anos de idade; a massinha que sempre tem dragões como representação, já é preferência de dois garotos maiores, e sempre são dragões. tipo dinossauro; colorir e desenhar, se apropriando da caixa de lápis de cor, é preferência das duas irmãs. E assim sucessivamente.

Inseri uma atividade de jogo: tênis, com a bolinha de papel que eles mesmos criaram, usando a raquete, que eles mesmos criaram e comecei o jogo - que foi de interesse impressionante e muito maior de uma menina - de 8 anos. quando nos encontramos novamente, ela perguntou: vamos jogar hoje?

⁷ IDEM. Caderno 4.

E mostrou um domínio no jogo, o que, para mim, praticar esportes não tem idade. O que muda são os equipamentos e a metodologia. Nesse caso, de forma lúdica, livre e sem cobranças. Sem regras.

a) REUNIÃO COM A COORDENAÇÃO

Jakeline Nunes

As reuniões ocorriam de forma remota, uma vez por semana, onde podíamos dar ideias, partilhar a vivência com as crianças e onde planejavamos as aulas interdisciplinares para as crianças aproveitarem o máximo as suas tardes.

Bento Mateus

As reuniões eram feitas uma vez na semana, de forma remota, algumas vezes nas terças, outras nas sextas, dependendo da disponibilidade da coordenação, na maioria das vezes eram para esclarecimento, nota de repúdio, chamada de atenção, que por acaso foi muito importante porque uma vez na semana os educadores teriam de apresentar um relatório oral, sobre como foi a semana, quais atividades forma planejada e executadas, como foi as atividades interna, desde a estrutura a limpeza do recinto, tudo para melhorar cada vez mas as atividades e o relacionamento entre educadores e coordenadores.

b) REUNIÃO COM COORDENADORES DE EIXO

Jakeline Nunes

As reuniões com os coordenadores de eixo também era uma vez por semana, onde partilhamos ideias, criamos planos do eixo ambiental para as crianças terem esse olhar do ambiente de uma maneira mais profunda, mas sem deixar as brincadeiras.

Fátima Soneto:

A reunião com a coordenadora do Eixo era de forma remota com os educadores bolsistas e voluntários. A gente não precisava reunir tanto porque a gente já tinha um plano de aula do semestre todo, então a gente reunia quando era necessário acertar alguma coisa pontual, porque todas as atividades já estavam descritas e distribuídas.

Bento Mateus;

as reuniões com as coordenadoras dos eixos eram de forma remota, a tratamos sobre tudo os planejamentos e metodologias para o bem estar no seio, e ambiente dentro da casa encantada, tal reuniões foi de suma importância pois o planejamento tornou-se a chave para o bom desempenho das atividades.

c) REUNIÃO COM OS RESPONSÁVEIS PELAS CRIANÇAS

Jakeline Nunes:

As reuniões com os pais foram de forma remota, os pais são bem participativos em todas as reuniões, com excessão de alguns, mais as reuniões se desenvolvem de maneira satisfatória com os pais sendo participativos e introduzindo questionamentos, elogiando os educadores e elogiando o projeto da casa encantada.

Fátima Soneto

Como sempre as reuniões eram remotas, e no final do dia devido a disponibilidade no horário dos pais. Era tão bom reunir com os pais e ouvir o feedback deles em relação ao aprendizado de seus filhos, que para nós é muito satisfatório.

Bento Mateus

As reuniões com os pais de crianças com vincula a casa encantada foram remotas, onde havia eles demonstravam as suas preocupações, e melhor do que a presença das crianças foram as palavras de incentivos e elogios por parte dos pais sobre o grande trabalho feito pelos educadores junto da coordenação da asa encantada.

d) ENCERRAMENTO DOS PROJETOS – AS APRESENTAÇÕES

O encerramento foi integrado entre presencial e remoto. Havendo pais/responsáveis em modo remoto e presencial. No presencial, na casa encantada os alunos apresentaram algumas atividades realizadas, como: indentificar no mapa a localização de grupos indígenas, contando um pouco da história.

As crianças são as protagonistas e apresentaram de forma desinibida. cantando e dançando - adança de tradição ancestral, que também é conhecida como dança de caboclo: “ele é o rei, é o rei, é o rei...”. Se tratando do Cacique indígena, e/ou o rei da floresta.

A dança de forró - em comemoração a festa junina. As fotografia exprime este feito.



As ornamentações e criações baseadas nas temáticas discutidas em forma de símbolos. As crianças criaram uma fazenda, um sítio. Eles desenharam o que tem numa fazenda, recortaram e nós (educadores) inserimos na fazenda, colando, e eles mesmos deram o nome. Foi emocionante ver “uma mãe ao meu lado, muito emocionada com o desempenho da filha”. (prof. Ineildes).

As educadoras/es nestas imagens – no encerramento



A imagem 1 - Seguindo pela esquerda:

Neurina, Fátima, Jake, May, Bento, Mafudje, Angelina, Lidia, a prof^a Ineildes.

6. A COLÔNIA DE FÉRIAS

Anualmente, a Casa Encantada realiza duas colônias de férias nos meses de janeiro e julho. Neste, são realizadas atividades na Praça do Obelisco, em Redenção - Ceará, com

crianças que atuam na Casa durante o semestre e também com crianças que frequentam o espaço público como lugar de brincadeira, de relações, de encontro e trocas, entre outros.

Tais iniciativas têm como objetivos promover atividades lúdicas e interdisciplinares no interstício das férias escolares, destacar a importância do brincar no desenvolvimento das crianças, despertar a consciência de que o espaço público - a praça - é de todos, portanto, também é espaço para as crianças brincarem, ampliar o espectro de atendimento de crianças da Casa ao socializar práticas educativas no contraturno escolar.

As atividades na Praça foram realizadas nos dias 21 e 22, 28 e 29 de julho e de 04 e 05 de agosto de 2022. Diante da situação de pandemia, ainda no início do ano de 2022, a Colônia não foi realizada em janeiro. Tudo começa sempre a partir de uma ideia, de uma intenção, de um propósito. Para tornar esta intenção tornar-se realidade é fundamental um bom planejamento, então, a colônia, assim como todas as atividades da Casa Encantada, são planejadas de forma participativa, onde a coordenação, professores e educadores geram ideais, socializam experiências e gestam novas possibilidades de troca e construção coletiva.



Neste ano, considerando o retorno gradual das atividades presenciais e no espaço público foi planejado **ACOLHIDAS**, que tinham como objetivo despertar a presença aqui e agora das crianças e sua relação com o lugar, a praça e as questões sociais que a envolvem. Dentre as vivências de acolhida, destacamos o relaxamento para contemplação dos sons do ambiente: dos pássaros, dos carros, dos passos, das pessoas, das falas, entre outros. O relaxamento do corpo para a escuta do som de músicas, do alongamento do corpo, ao deitar, rolar, levantar, dobrar a si, entre outros movimentos. Reafirmando o princípio freireano do diálogo, a partir destes temas geradores, perguntas para as crianças poderiam despertar a

participação e a consciência corporal e do espaço das crianças. Dentre as perguntas, destacamos:

- quem consegue esticar para cima, mais alto?
- quem consegue ficar de cócoras, se apoiando na ponta dos pés?
- quem consegue tocar a ponta dos dedos do pé?
- quem consegue esticar os dois braços para trás e entrelaçar os dedos das mãos?
- quem consegue fazer ponte?
- quem consegue fazer estrelinha?

No momento da acolhida também foram planejadas danças e brincadeiras para despertar e movimentar o corpo, como a balança do mar, ciranda, estátua, bem como músicas, cantos, que poderiam contribuir com a ambientação do espaço e das crianças e educadores. Exemplos foram citados como:

- Bom dia começa com alegria, bom dia começa com amor, o sol a brilhar, os pássaros a cantar, bom dia, bom dia, bom dia,
- Se essa rua, se essa rua fosse minha.

A **circularidade** também é um princípio educativo da Casa, que é vivenciado de diferentes formas e tempos e propostas. Na Colônia, em círculo, de pés descalços de cima do pano africano ou de um limite estabelecido, as crianças eram convidadas a se apresentarem e a participarem de atividades como: trabalhar os jogos de encaixe de cubos, ou montagem com os brinquedos, entre outros.



Após a acolhida, ao estarmos em Praça Pública, fez-se necessário, a cada encontro a **apresentação da Casa Encantada**, dos educadores por eixo, das crianças presentes, bem como anunciar as inscrições para as atividades do semestre para as crianças, pais e responsáveis.

Outro momento muito importante para o projeto da Casa é o da **alimentação**, pois é fundamental para o desenvolvimento da criança. Este também é refletido por educadores e

professores e é planejado conjuntamente o despertar da consciência do alimento e suas qualidades. Músicas e rimas também contribuem neste processo como “Comendo, comer é o melhor para poder crescer/ meu lanchinho vou comer pra ficar fortinho e crescer”.

Para a Colônia também foram gestadas perguntas como o que gostam de comer? Que cor é o alimento? Qual o sabor? Descrevam o lanche trazido? Vamos classificar os lanches em orgânicos, transgênicos, não transgênicos, saudáveis?

Relatos da Colônia de Férias

Bento Mateus

A Colônia de Férias este ano foi um mix de atividade ao ar livre, que proporcionou um outro nível de vivência em todos os eixos. O brincar na praça, no meio ambiente, tornou possível acompanhar a liberdade de estar livre no tempo e no espaço, educadores e crianças despertando o quanto é bonito a fase de desenvolvimento pessoal. Para ilustrar, o educador Bento Maria destaca que uma das atividades de consciência do ambiente foi a coleta do lixo na praça, especificamente dos materiais inorgânicos como os plásticos. As crianças andavam caçando os plásticos dentro da praça e descartavam nos devidos lugares, fazendo disso uma brincadeira.

*O primeiro dia da Colônia, quinta-feira, dia 21 de julho, elegemos a temática **EDUCAÇÃO AMBIENTAL** e foi uma surpresa para os organizadores, pois o primeiro desafio foi a chuva no horário combinado do encontro na Praça. Diante do inesperado, cancelamos as atividades programadas.*

*Dia 22 de julho, sexta-feira, com a temática **DESAFIOS DA MOTRICIDADE**, estávamos reunidos na Praça para o início das atividades planejadas e haviam quatro crianças. Primeiro a acolhida, seguida das apresentações e do alongamento. A caminhada dentro do espaço tinha como objetivo conhecer a praça e todas as iniciativas propiciaram o aumento de contato entre os participantes.*

Dentre as atividades vivenciadas a cama de gato foi muito interessante. A brincadeira consistia em fazer uma cama gigante e coletiva na praça, entrelaçando linhas de um ponto para o outro e ver quem conseguia passar pelos fios, onde tinham tecidos amarrados que valem pontos. Quem conseguisse coletar mais tiras de tecido na cama de gato vencia. As crianças fazem a cama, colocam as tiras e brincam, mediadas e orientadas pelos educadores.



Para o educador Bento Maria

Estas atividades neste espaço proporcionaram um ambiente de brincadeiras. Exploramos ao máximo o espaço e as diversas atividades, onde as crianças adicionavam as suas particularidades em entretenimento e brincadeiras.

Importante também foi montar a cama e desmontá-la junto com as crianças e ao final, as crianças pularam corda.



Fátima soneto

Para mim a colônia de férias foi um momento muito importante para os educadores e principalmente para as crianças, isso porque foi algo que aconteceu fora do nosso ambiente habitual que é a casa. poder sair da casa encantada e estar em um espaço aberto e ao mesmo tempo em contato com a natureza foi o ponto mais alto da colônia, sem falarmos das brincadeiras realizadas na praça que também foram bem programadas e executadas. No eixo de matrizes africanas a gente aprendeu brincadeiras africanas que por sua vez foi muito bem aceita pelas crianças

Encerramento da colônia de férias

Após as vivências na praça, para o **encerramento** foi planejado a escuta das crianças, para que educadores e professores pudessem na escuta atenta do corpo que fala, da criança que brinca, planejar os próximos encontros.

Na atividade de escuta durante o encerramento percebemos o quão criativas as crianças são e que por estímulos certos são capazes de grandes coisas.

7. CONSIDERAÇÕES

Considerando o método utilizado para a construção deste relatório, decolonial e não objetivo, as falas encerram este documento que teve como fundamento as narrativas, vivências e aprendizados, quer seja da parte dos educadores quer seja da parte das professoras e coordenadoras. Não sendo a conclusão, contudo considerações parciais de um projeto que “não é”, “está sendo”, trazemos percepções de uma educadora e da coordenadora geral.

Reflexões da educadora Mayra (May) do eixo arte da Educação e Ludicidade.

Na proposta da Casa e da organização em eixos que dialogam entre si, o currículo vivenciado na prática educativa interdisciplinar é aberto, circular em forma de espiral. Deste modo, na formação e nas práticas percebemos que o planejamento é uma possibilidade e que é fundamental estarmos abertos, atentos à observar o movimento de cada ser ali presente, se apropriar, coletar o que ela (a criança) já sabe, o que tem curiosidade de saber, fazendo um mergulho produtivo, muitas vezes, intuitivo, dinâmico, vivo e latente, a partir do interesse da criança, ao invés de reproduzir o currículo engessado, fechado, muitas vezes presentes na educação formal.

Reflexões da coordenadora geral da Casa Encantada – Prof^a Larissa Gabarra.

O ano 1º semestre do ano de 2022 tiveram muitos desafios, a começar pela manutenção das aulas online mesmo com o início das atividades presenciais. Desde julho de 2019 até o fim do ano de 2021, a Casa Encantada trabalhou de forma online e pode atender crianças de várias localizações do país, por isso com o início das aulas presenciais, não foi possível encerrar os contatos e formações iniciadas junto a crianças de outras localidades fora das cidades de Redenção e Acarape como também de outros Estados brasileiros. Esse movimento exigiu dos educadores turno dobrado, hora com as crianças no presencial, ora a continuidade com as crianças no online. Se as aulas online estavam acomodadas, as aulas presenciais estavam, no início do ano de 2022 completamente desajustadas.

As crianças ainda viviam uma espécie de euforia pela volta do contato social com outras crianças, as adaptações foram mais longas, muitas sentiam a diferença do ambiente educacional para o ambiental familiar que vinham vivenciado de forma integral. Além da adaptação das crianças existiu a adaptação dos próprios educadores. Fosse criança ou educador/a o vínculo com a tela foi constatado logo. Como as atividades da Casa Encantada presam pelo não uso de nenhum tipo de eletrônico desde sua fundação, esse processo de planejar atividades

sem fazer uso desses equipamentos foi extremamente desafiador. Conquistamos!

A vitória em reviver o presencial se deu também na possibilidade das formações híbridas e do cultivo dos contatos com profissionais competentes e importantes na vida desses discentes (os que fazem parte diretamente do pro-CIADI e do CIADI-IH e dos que participam das formações continuadas promovidas pelo CIADI-IH). O fluxo de crianças também nesse 1º semestre foi muito grande, sentíamos como se as águas não parecem de se revoltarem, uns vinham, outros iam. E nas reuniões de equipe tínhamos a sensação de iniciar o trabalho novamente a cada ida e vinda, novas crianças, velhas crianças com pouca frequência. Mas a reunião de avaliação do período com os responsáveis das crianças nos trouxe o alívio, já que foi possível enxergar de forma conjunta as dificuldades de permanência das crianças motivadas pelas adaptações que os próprios familiares estavam vivendo em relação a esse retorno da vida presencial.

Importante é que a Casa Encantada continua e sempre se renova e se adapta as novas demandas, mantendo-se firme no propósito de dar uma formação interdisciplinar, antirracista e integral para as crianças e discentes da UNILAB, colaborando com a permanência de estudantes na Universidade e com a educação da comunidade das cidades de Acarape e Redenção.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **O desejo de ensinar e a arte de aprender**, Campinas: Fundação EDUCAR DPaschoal, 2004.

AVANCINI, Elsa Gonçalves. "O sagrado na tradição africana e os cultos afrobrasileiros." SILVA, GF da; SANTOS, JA dos. CARNEIRO. LC da C. RS Negro. Cartografias sobre a produção do conhecimento. Porto Alegre: Edipucrs (2008): 134-147.

CASTRO, Yeda Pessoa de. A influência das línguas africanas no português brasileiro. (In). Pasta de textos da professora e do professor - Caderno 07, prefeitura de Salvador-Ba, s/d.

NASCIMENTO, Abdias. O Quilombismo. Petrópolis: Vozs, 1980.

NOGUERA, Renato. O poder da infância: espiritualidade e política em afroperspectiva. **Momento-Diálogos em Educação**, v. 28, n. 1, p. 127-142, 2019.

SILVA, Elisangela Cardozo de A. Povos indígenas e o direito à terra na realidade brasileira. Revista Serv. Soc. Soc., São Paulo, n. 133, p. 480-500, set./dez. 2018.

SIQUEIRA, Maria de L. Quilombos no Brasil e a singularidade de Palmares. (In) Pasta de textos da professora e do professor - Caderno 04, prefeitura de Salvador-Ba, s/d.

ANEXOS

cronograma e planejamentos

1ª SEMANA

DI: 2A1/07				
Responsáveis: Jake, Bento, Neurina			Suplentes:	
Tema do dia: EDUCAÇÃO AMBIENTAL				
Atividades	Título	Descrição	Material necessário	Avaliação:
Acolhida	CAMINHA PARA RECOLHER LIXO	Ir fazer uma trilha na praça e verificar os resíduos e recolher os lixos	Saco de lixo	
1ª atividade	CIRANDA NA ÁRVORE	Escolher a musica para a ciranda “Lia de Itamaraca”		
Lanche	10 minutos no máximo		Toalha de pique nique	
2ª atividade	PULA RIO	Os educadores esticam duas cordas no chão paralelamente com um espaço pequeno, esse espaço representará o rio. As crianças fazem uma fila de um lado do rio, e um por vez, saltarem para o outro lado. A cada rodada aumentar a largura do rio. A criança que cair no rio sai da brincadeira e a criança que sobrar por último ganha.	Barbante	

Encerramento	ESCUA DAS CRIANÇAS	Perguntar para as crianças o que elas acham da atividade, o que elas pensam sobre a produção de lixo delas mesmo, o que elas fazem eles; 2ª opção pula corda	Pula-corda	
--------------	--------------------	--	------------	--

DIA: 22/07				
Responsáveis: Fatima, May, Luana		Suplentes: Jake, Bento, Lidia		
Tema do dia : DESAFIOS DA MOTRICIDADE 2º opção:				AVALIAÇÃO:
Atividades	Título	Descrição	Material Necessário/ Tempo	
Acolhida	ALONGAMENTO		5 minutos	
1ª atividade	CAMA DE GATO	fazer uma cama de gato gigante e coletiva na praça, entrelaçando linhas e brincar para ver quem consegue passar da armadilha dos fios. Esses fios podem conter tecidos amarrados que valem pontos, quem conseguir coletar mais tiras de tecido na cama de gato vence (as crianças fazem a cama, colocam as tiras e brincam, mediadas e orientados pelo (a) educador)	Barbantes/	
Lanche				
2ª atividade	BRINCAR COM A Cama de Gato			

	DESMONTÁ-LA			
Encerramento	PULAR CORDA			

2º SEMANA

DIA: 28/07				
Responsáveis: Fatima/Angelina, Jake, Neurina			Suplentes: Márcio, Lídia	
Tema do dia: CORPOREIDADE AFRICANA 2ª opção:				AVALIAÇÃO:
Atividades	Título	Descrição minuciosa	Material/Tempo	
Acolhida	DEITAR E OUVIR ...			
1ª atividade	LIVROS ETICO RACIAIS /DESENHO – interpretação de um dos livros	Manusear os livros, escolher junto com as crianças um livro para contar a história e depois pedir para desenhar a história	Livros de temáticas étnico raciais + papel+ giz de cera ou lápis de cor ou canetinha	
Lanche				
2ª atividade	BRINCADEIRAS AFRICANAS	Passarão e outras		
Encerramento				

DIA: 29/07				
Responsáveis: May, Marcio, Bento		Suplentes: Luana, Jake		
Tema do dia: MÍMICA COM ANIMAIS				AVALIAÇÃO:
Atividades	Título	Descrição minuciosa	Material/Tempo	
Acolhida	IMITAR OS ANIMAIS	saber qual animal gostaria de ser, em seguida cada um imitar esse animal e o som que ele faz. os colegas também		

		podem trocar de animais e escolher uns aos outros para imitar o seu.		
1ª atividade	QUEM É A SERPENTE?	brincar de detetive, ficando em círculo todos vão ficar se olhando, um será sorteado para ser a serpente (pica um participante da roda com ato sutil de dar uma picadinha, não pode ser identificado) e outra criança encantador de serpente (aquele que pega a serpente) os demais serão cidadãos da aldeia, que a serpente pode vir a picar, o jogo acaba quando a serpente é pega ou todos os aldeões são picados		
Lanche: INTRODUIZIR O MOMENTO USANDO AINDA A BRINCADEIRA, PERGUNTAR O QUE A COBRA COME? O QUE SE COME NA ALDEIA				
2ª atividade	INVENTANDO HISTÓRIA E EXPOSIÇÃO	vamos formar um círculo novamente e fazer uma contação de história coletiva, a a partir do “ era uma vez.....” proposição da educadora, cada crianças continua a frase do outro tentando manter a lógica da narrativa. Cada crianças, depois, faz um desenho, imaginam o cenário e os personagens, utilizando carvão e folha de papel; pegar todos os desenhos e usa-los para ornamentar os arredores, cada criança coloca seu	Carvão	

		desenho exposto onde acha mais interessante de ser visto.		
Encerramento	RODA DA CANÇÃO DO MAR	todos damos as mãos e finalizamos com canção do mar (balançando para um lado e para outro)		

3º SEMANA

DIA: 04/08			
Responsáveis: Fatima, Neurina, Jake		Suplentes: Márcio, Lídia	
Tema do dia: CONHECENDO AS PLANTAS			
2º opção: observar os animais nas plantas			
Atividades	Título	Descrição	Material/Tempo
Acolhida	RECONHECIEMTNO DOS NOMES DAS ARVORES	Trilha na praça, aproveita para recolher o lixo e vão ensinando os nomes das plantas.	
1ª atividade	PINTURA DAS PLACAS DOS NOMES DAS ARVORES	Uma folha branca de A4 ou papelão cortado em ½ A4 para cada crianças e pintar em desenho ou escrita o nome das árvores, ir colocar as placas nas respectivas árvores.	
Lanche			
2º atividade	MANUSEIO DE LIVROS E CRIAÇÃO DO LIVRO A PARTIR DAS IMAGENS	Cada educador dá um único livro para cada crianças, incentivando as crianças a lerem as imagens. Deixar que elas contem as histórias que vêm (não que lêem). Recolhe os livros, distribui papeis pede que cada criança faça um desenho de qualquer personagem, lugar, história que foi conversado ali. Depois coletivamente montam uma história para criar uma	Livros sobre meio ambiente, étnico raciais e outros, grampeador, cola

		narrativa a partir do desenhos, colocando os ordem de um enredo, grampeia ou cola, montando o livro.	
Encerramento			

DIA: 05/08			
Responsáveis: May, Luana, Marcio		Suplentes: Jake, Fatima	
Tema do dia – AMARELINHA MALUCA			
2ª opção:			
Atividade	Título	Descrição minuciosa	Material necessário / tempo da atividade
Acolhida	PINTAR OS PÉS E MÃOS NA SUFFIT BRINCAR DE AMARELINHA MALUCA	Deixar uma amarelinha comum já desenhada. Enquanto um educador fica com as crianças pulando amarelinha, os outros dois vão pintando as mãos e pés das crianças, cada mão e cada pé numa folha branca A4.	Tinta gauche e folha branca A4,
1ª atividade	MONTAR AMARELINHA MALUCA	A Divide em grupos de 5 crianças, ou em três grupos (um para cada educador), depois cada grupo monta a sua amarelinha	pedras ou fita crepe para pregar as folhas no chão
Lanche			
2º atividade	BRINCAR COM AS VÁRIAS AMARELINHAS QUE SURGIREM		
Encerramento	PULA-PULA-PULA ESTATUA		

Resumo das ideias dos planos de aulas

Uma chuva de ideias de brincadeiras vão surgindo. A oficina de ideias.

- **PASSO DE SOM** andar sobre latas (quenga de coco)

- **CONVIDAR** Aula de capoeira com Etamar
- **PLANTAR** (preparar sementeiras), observar os animais nas plantas, e na praça etc

- **BALÃO FUJÃO** a partir de 2 crianças de cada vez, os educadores traçam uma linha de partida e uma de chegada. Cada jogador segura uma bexiga e um pedaço grande de papelão. Ao sinal, cada criança coloca sua bexiga no chão e abana com o papelão na direção da linha de chegada e a traz de volta da mesma forma. O primeiro que terminar o percurso ganha.

- **CONTAÇÃO DE HISTÓRIA SEM IMAGEM DE LIVRO** Relaxar e fazer com que as crianças fechem os olhos e escutem a história que os educadores estiverem contando e depois desenhem o que imaginaram.

- **OFICINA DOS SENTIDOS** Andar em rodas e filas, andando descalço no chão sentindo a temperatura da terra, trabalhando a respiração
- **UM RISO SÓ** Trabalhar o sorriso, criar caretas, jogos das imitações do mestre - O MESTRE MANDOU

- **OFICINA DE PROFISSÃO**
- **OFICINA DE COMUNICAÇÃO**

- **ORA BOLA** trabalhar a geografia espacial desde vc individuo até o planeta (jogos de escalas) - musica Ora Bolas da palavra encantada
- **BOI MULTICOR** trabalhar relações etnico raciais a partir da musica boi da cara preta em contra ponto com o livro Boi Multicor do autor Jorge Conceição

- **BALDE E BOLAS** - brincar de acertar as bolinhas no balde, levar as bolinhas de um balde ao outro fazendo um percurso

- **BOLONAS DE SABÃO** com dois pauzinhos e um cordão